

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim No. 157 ✓

Etnografia e Tupi-guarani No. 25

W. Neill Hawkins

A FONOLOGIA
da
LÍNGUA UAIUAI



São Paulo (Brasil) - 1952.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Ernesto de Moraes Leme

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Prof. Dr. Eurípides Simões de Paula

Professor de Etnografia e Língua Tupi-guarani
Prof. Dr. Plínio Ayrosa

Assistentes

Dr. Carlos Drummond — Lic. Maria de Lourdes Joyce — Bel.
Jörn Jacob Philipson

Tôda correspondência
relativa ao presente
Boletim e as publica-
ções em permuta devê-
rão ser dirigidas a

All correspondence re-
lating to the present
Bulletin as well as
exchange publications
should be addressed to

CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI

Faculdade de Filosofia - Caixa Postal 8.105 - S. Paulo -
— Brasil —

A FONOLOGIA
da
LÍNGUA UÁIUÁI

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim No. 157

Etnografia e Tupi-guarani No. 25

W. Neill Hawkins

A FONOLOGIA
da
LÍNGUA UÁIUÁI



São Paulo (Brasil) - 1952.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

A monografia que constitui o presente Boletim, devêmo-la à dedicação do Snr. Prof. W. Neill Hawkins, nosso ex-aluno ouvinte do Curso de Tupi-guarani da Faculdade. Devotado inteiramente às questões ligadas à instrução e à cristinização dos nossos ameríndios, viveu durante longos anos com o grupo Uáiuái, aprofundando-se no estudo de sua língua. Dessa convivência e do seu amor às pesquisas, provém este trabalho vasado nos mais rigorosos métodos da linguística moderna. É evidentemente um capítulo, e dos mais interessantes, de trabalho maior, ainda em elaboração.

As palavras do Prof. Maurer - alta expressão de nossa cultura filológica - que prefaciam a magnífica contribuição que ora publicamos, eximem-nos de qualquer justificação para que a incluamos na série de nossos Boletins.

A ambos, ao Prof. Maurer e ao Prof. W. Neill Hawkins, cabe-nos apenas agradecer cordialmente a colaboração valiosa e a oportunidade que nos dão de divulgar um trabalho realmente valioso e modelar.

Plínio Ayrosa.

PREFÁCIO

Este estudo deve muito à colaboração de varios professores, tanto brasileiros, como norte-americanos, cuja valiosa contribuição quero agradecer.

Ao Prof. Kenneth L. Pike, diretor do Summer Institute of Linguistics e dedicado professor de fonêmica, é que nós, seus alunos, devemos a orientação básica e ainda parte de seu próprio zelo no aperfeiçoamento de uma teoria que produza resultados práticos na análise de qualquer língua.

Registro também minha dívida de gratidão à Profa. Viola Waterhouse e ao Prof. William L. Wonderly, da mesma instituição, que leram o manuscrito em inglês e fizeram muitas sugestões proveitosas. Agradeço também o apoio da Universidade de Oklahoma, no meando-me linguistic investigator.

Nos longos meses de pesquisa de campo, foi-me de grande proveito o intercâmbio franco e completo de idéias sobre a língua mantido com meu irmão e companheiro de trabalho, Robert E. Hawkins.

Contudo, a publicação deste trabalho em português teria sido impossível sem a cooperação de vários professores brasileiros, que me fizeram sentir na capital paulista, mas agora sob novo aspecto, a mesma hospitalidade já encontrada nos sertões do Pará e Amazonas.

O Prof. Plínio Ayrosa foi o primeiro a encorajar-me na publicação deste trabalho em português, se bem que soubesse estar eu longe da possibilidade de me expressar corretamente neste idioma. A Profa. Maria de Lourdes Joyce também corrigiu, com grande paciência, meus erros na primeira redação em português.

O Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., com seu conhecimento profundo da teoria fonêmica, prestou uma colaboração importantíssima, sugerindo a terminologia portuguesa mais apropriada a essa teoria e reorganizando muitas frases. O Prof. J. Mattosso Câmara Jr. também fez sugestões de grande valor sobre a apresentação dos fonemas.

INTRODUÇÃO

Desde os gregos encontramos descrições de línguas européias. A gramática - descrição das categorias de uma língua e estudo de suas funções e emprêgo - foi elaborada por êles, durante séculos de observação feita sobre a sua própria língua, sobretudo nos textos dos grandes escritores antigos. Infelizmente essa descrição, feita a princípio por filósofos, entre os quais os estóicos se distinguiam por um interêsse particular em assuntos linguísticos, não escapou à influência de preocupações lógicas e filosóficas. A tentativa de identificar as categorias da língua com categorias lógicas dificultava uma análise perfeitamente objetiva dos fenômenos estudados.

Mas os inconvenientes maiores surgiriam quando se iriam aplicar as mesmas concepções a outras línguas de estrutura bem diversa. Os gramáticos romanos repetiram, em geral, o ensino dos seus mestres gregos. A Idade Média, herdando o ensino dos antigos aplicado ao latim, transmite o método e os conceitos da gramática clássica ao estudo das línguas modernas.

Até os fins do século XVIII domina universalmente essa descrição excessivamente lógica e por isto mais ou menos falseada ou imperfeita das línguas estudadas. Muitas vêzes, por uma análise forçada e artificial, se buscam categorias das línguas clássicas ou, pelo menos, das línguas modernas da Europa, quando se estudam as línguas, estruturalmente tão diferentes daquelas, encontradas pelos descobridores e navegantes dos séculos XVI e XVII.

Um exemplo de análise artificial das línguas modernas temos na insistência de muitos que distinguem uma gradação dos adjetivos nas línguas românicas à semelhança do que existia em latim, onde havia formas especiais da palavra para a expressão da comparação e da superlatividade, como em altior e altissimus, derivados do adjetivo altus. Não raro se procura distinguir gênero e número em línguas que não possuem essas categorias, pela razão de que estamos habituados às mesmas distinções nas nossas línguas, herdeiras de um sistema que nos veio ainda do indo-europeu, ou então esforçamo-nos por descobrir categorias do tempo, como o futuro e o pretérito de um verbo tupi ou chinês, porque nos acostumamos a pensar que tôdas as línguas, como a nossa, devem ter as mesmas categorias.

Naturalmente não se vá supor que a ausência de uma determinada categoria em uma língua a impeça de exprimir a noção cor-

respondente sempre que seja necessário. As línguas românicas não têm a categoria do dual, mas podem indicar facilmente, quando conveniente, a dualidade. Do mesmo modo, uma língua pode exprimir a noção de passado ou de pluralidade sempre que a clareza do pensamento o exija, embora não tenha recursos estruturais para a expressão do tempo e do número.

O século XIX criou a linguística histórica com as obras monumentais de Francisco Bopp, Erasmo Rask, Jacob Grimm, Frederico Diez e outros, mas em geral negligenciou a linguística descritiva, cujo objeto seria a análise rigorosa e a descrição exata dos elementos essenciais da fonologia, da morfologia e da sintaxe de uma língua como falada por um grupo determinado.

Entretanto, aqui e ali, surgem exemplos desse esforço de observação direta. De fato, a linguística do século passado conheceu um modelo admirável desse método: há mais de dois mil anos os gramáticos indus tinham elaborado uma descrição minuciosa e fiel do sânscrito, a qual sobrepujava tudo o que até o século XIX se tinha realizado na Europa no campo da linguística descritiva. Desse modo, já em 1851 Böhlinck, editor europeu do gramático indus, Pânini, aplicou o método descritivo a uma língua da Rússia Asiática, o iacute. Leskien faz excelentes descrições no campo das línguas bálticas e eslavas. No começo do século atual Fr. N. Finck descreve oito línguas de tipos diferentes, insistindo na importância do estudo descritivo como base da investigação histórica e das generalizações filosóficas. (1)

Ferdinand de Saussure, considerado frequentemente o pai da linguística moderna, insiste na distinção entre linguística diacrônica e sincrônica, observando que para compreender bem o estado atual de uma língua, o estudioso deve fazer tabula rasa de todos os fatores históricos e ignorar a diacronia. (2)

Nos últimos anos tem crescido muito o interesse na linguística descritiva, particularmente nos Estados Unidos, onde Bloomfield - um dos mais profundos e competentes linguistas do século, grande conhecedor do sânscrito e da obra de Pânini - salientou a importância da linguística descritiva como exposição rigorosamente exata dos fatos e das categorias de uma língua e realizou

(1) - Particularmente em Die Aufgabe und Gliederung der Sprachwissenschaft (1905) e em Die Haupttypen des Sprachbaus (1910). Sobre esses dados históricos veja-se B. Bloomfield, Language, pags. 18 e s.

(2) - Veja-se, por exemplo, Cours de linguistique générale, pags. 115 e ss.

pessoalmente a descrição de diversas línguas, como, por exemplo, o tagalog das Filipinas, estabelecendo ainda os princípios e os métodos de trabalho neste novo campo de investigação. A sua obra clássica, Language, constitui magnífica exposição, embora um tanto pesada, da linguística descritiva, ao lado da linguística histórico-comparativa.

Tivemos a oportunidade de conhecer os métodos de trabalho de Bloomfield e da escola americana, por ocasião da nossa estadia na Universidade de Yale em 1945 e 1946, frequentando as aulas de um se eminente linguista - as últimas que pôde dar, pois em junho de 1946 foi vitimado pela enfermidade que o impediu definitivamente de continuar no magistério. Nessas aulas se realizou, sob a direção de Bloomfield, a análise estrutural do bengali.

A descrição de uma língua se procura fazer aí, partindo do material colhido de informantes, tomando-se muito cuidado para não lhe sugerir qualquer tentativa de interpretação pessoal de sua própria língua. Assim se conseguirá obter, com a máxima espontaneidade, a imagem da língua por êle falada. O material assim colhido é analisado cuidadosamente sob o ponto de vista fonético, morfológico e sintático, com o objetivo de descobrir todos os elementos significativos da estrutura da língua estudada nos seus diversos aspectos. Dessa análise do material fonético se obtém a fonologia (ou fonêmica, como lhe chamam os linguistas americanos), isto é, a descrição dos fonemas, ou unidades fonéticas significativas da língua. A morfologia e a sintaxe se elaboram de acordo com os elementos formais e estruturais significativos da língua.

Tudo isto, insistimos, se procura fazer sem pressuposições filosóficas ou mesmo linguísticas que possam desfigurar a imagem real do que é a língua estudada. Só desta maneira se poderão observar os fatos linguísticos com a mesma objetividade com que o físico descreve os fatos por êle estudados no laboratório.

A análise descritiva das línguas, da qual não se cuidou suficientemente no passado, tem uma importância científica extraordinária, mesmo para a linguística histórico-comparativa, pois que o material fornecido pela descrição exata das diversas línguas de um grupo é essencial para o trabalho do historiador e do "comparatista". Demais, é impossível estabelecer os princípios gerais da linguística, enquanto não se realiza o registro mais completo possível dos fatos linguísticos na sua múltipla variedade, segundo ocorrem nos inúmeros tipos existentes nas diversas regiões do globo.

As línguas indígenas têm constituído o campo de pesquisa

de muitos linguistas americanos treinados nos métodos da nova escola, dando-nos descrições preciosas de um grande número de línguas que estão em via de desaparecimento.

Entre nós pereceram definitivamente muitas das línguas dos selvícolas. Outras estão a caminho do mesmo destino. Urge que se faça uma descrição completa das línguas indígenas ainda existentes antes que elas desapareçam de todo. E esta obra só pode ser realizada por trabalhadores tècnicamente preparados nos métodos da moderna linguística e que sejam ao mesmo tempo foneticistas treinados. Só assim teremos descrições satisfatórias dessas línguas e que possam constituir material para estudos linguísticos e mesmo etnográficos ou antropológicos. Esse trabalho não se fará sem uma preparação prévia cuidadosa que urge providenciar pelo envio de moços competentes para os Estados Unidos, afim de tomarem contacto com a obra que lá se vai realizando neste campo. Felizmente um passo já deu neste sentido o Departamento de Etnografia de nossa Faculdade sob a direção do prof. Plínio Ayrosa, com a ida do snr. Jörn J. Philipson àquele país, donde deve voltar brevemente, após um proveitoso treinamento em contacto com linguistas americanos.

Dada a excepcional importância dessa obra, temos grande satisfação em apresentar aos leitores este trabalho do jovem linguista americano, W. Neill Hawkins, que constitui uma análise fonológica do uáiuái, língua falada por um pequeno grupo de índios da região limítrofe entre o Amazonas e a Guiana Inglesa. De sua autoria é também uma descrição da morfologia do nome uáiuái, a qual deve ser publicada dentro em breve pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. O snr. Hawkins, que é missionário de uma organização que se dedica especialmente a evangelização de grupos étnicos primitivos, fez o seu treinamento linguístico com K.L.Pike e E.A. Nida no Summer Institute of Linguistics, que funciona anualmente na Universidade de Oklahoma. Esses dois linguistas, que se têm dedicado à preparação linguística de missionários evangélicos destinados ao trabalho entre povos de línguas ainda mal estudadas, realizam e promovem uma obra de análise linguística que está diretamente ligado ao movimento iniciado por Bloomfield e seus discípulos. A fonologia do uáiuái aqui publicada fornece-nos, portanto, um modelo precioso daquilo que se vem fazendo em matéria de linguística descritiva no que diz respeito às línguas indígenas dos Estados Unidos. Aplaudimos, por isto, o louvável interesse do professor Plínio Ayrosa, diretor do Departamento de Etnografia, que o levou a promover a publicação do presente trabalho.

Folgamos em saber que o Snr. Hawkins espera realizar ainda outros trabalhos semelhantes em referência a diversas línguas indígenas, tendo mesmo já iniciado colheita de material entre os terrenos do Mato Grosso. A sua competência e o grande amor que dedica a esse tipo de estudos poderá concorrer muito para despertar maior interêsse pelo estudo das línguas indígenas entre nós. Fazemos votos para que o trabalho aqui apresentado receba a acolhida que merece por parte de todos aqueles que estão interessados em assuntos linguísticos, etnográficos e antropológicos ligados aos nossos indígenas. Oxalá que êle possa servir de estímulo a alguns jovens linguistas brasileiros que queiram realizar uma tarefa patriótica e urgente em campo ainda tão negligenciado entre nós e desperte um interêsse maior dos poderes competentes, sem cujo amparo concreto e imediato esse trabalho dificilmente poderá ter o êxito que merece.

Alguns poderão estranhar o emprêgo de certos têrmos técnicos pouco usuais ou inexistentes entre nós. Os linguistas da moderna escola americana usam naturalmente muitos têrmos que não são familiares à linguística tradicional. Entretanto, o autor do presente trabalho limitou-se a introduzir alguns que vêm explicados no texto ou em notas. Não constituem êles dificuldade especial na leitura das páginas que se seguem. Em outros casos preferiu êle cingir-se à nossa terminologia linguística corrente, afim de não tornar mais árida a leitura de uma obra tão especializada. Naturalmente não é possível descrever uma língua de estrutura tão diversa do português ou das línguas que nos são mais familiares sem o recurso de alguns têrmos novos. O que o presente trabalho apresenta de inovação está dentro dos limites de uma razoável prudência.

Theodoro Henrique Maurer Jr.

1. NOTAS PRELIMINARES

Este artigo é uma tentativa de aplicação da teoria fonêmica - especialmente da forma desenvolvida pela escola norte-americana - à análise duma língua indígena, quase desconhecida até agora.¹ Verifiquei repetidas vezes o grande valor dessa base teórica em face da necessidade muito prática de aprender a falar o uáiuái e de achar a maneira de escrevê-lo mais conveniente para o futuro leitor uáiuái.

Outro artigo de minha autoria, "A Morfologia do Substantivo na Língua Uáiuái", será publicado em breve em boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A análise da morfologia dos verbos uáiuái está sendo preparada por Robert E. Hawkins para ser publicada numa revista norte-americana.

Os índios uáiuái são membros da família caribe. Moram nas margens do alto Mapuera, afluente do Trombetas, no norte do Pará, e nas margens do alto Essequibo, na Guiana Inglesa.

Os dados aqui analisados foram colhidos durante duas viagens de quatro meses cada uma, e uma residência de nove meses, como membro da Missão Pró Evangelização Mundial, entre os uáiuái do rio Essequibo, no período de 1949 a 1951.

1.1. DETERMINAÇÃO DOS FONEMAS. Em uáiuái, como em qualquer língua, existe uma variedade muito grande de sons, mais ou menos facilmente distinguíveis entre si. O problema básico da análise fonêmica, portanto, é descobrir quais dessas distinções têm SIGNIFICAÇÃO NA LÍNGUA UÁIUÁI.

Por exemplo, em uáiuái há dois sons aproximadamente iguais ao 'b' e 'm' do português, mas b ocorre somente após t, ɕ, k, ou ʃ, onde varia facultativamente com m, como em kbokó ou kmokó "eu vim" e porisso não constituem êstes sons fonemas separados. A oposição entre êles não é significativa nesta língua, e não deve parecer num estudo morfológico, onde criaria variantes desnecessárias dos morfemas, nem num texto para a leitura popular, onde embaraçaria o leitor principiante com distinções que êle não sente.²

Portanto, b e m são membros, ou ALOFONES, de um só fonema. O alofone m tem ocorrência muito maior do que o alofone b, e porisso chamamos m o ALOFONE PRINCIPAL, o qual dá o seu nome ao fonema inteiro, que escrevemos /m/.³ Com um instrumento próprio, encontram-se-iam muitos alofones em todos os fonemas, mas a presente análise apresenta apenas os alofones mais perceptíveis ao ouvi

do.⁴

Há vários princípios que facilitam a determinação dos fonemas. Assim, como no caso do b e m, quando um som ocorre sempre em variação livre com outro som, os dois fazem parte de um só fonema.

Quando dois sons contrastam numa posição idêntica ou análoga, são membros de fonemas diversos. Por exemplo, a distinção fonêmica entre os sons i e u se prova pelo contraste entre êles em posição idêntica nos vocábulos [mekí] "tu trouxeste" e [mekú] "espécie de macaco"; s e š apresentam contraste entre si em posição análoga nos vocábulos [samá] "pedra dura" e [šamapé] "pálido". Muitos outros casos de contraste aparecem nos exemplos dos diversos fonemas no §2.

Certos grupos de sons ocorrem com distribuição complementar. Existem em uáiuái um k anterior e outro posterior. O anterior ocorre somente antes das vogais anteriores e da consoante y, ao passo que o posterior ocorre somente antes das outras vogais e consoantes. Assim, não pode haver contraste significativo motivado pelos dois sons, sendo, portanto, alofones de um só fonema, determinados automaticamente pela sua posição em referência ao fonema seguinte.

Às vezes, dois sons em sequência se unem, produzindo um ó fonema. Por exemplo, os sons t e š em uáiuái ocorrem frequentemente em sequência. Poderíamos considerá-los dois fonemas, mas o š nessa sequência é muito breve, uma simples explosão africada da oclusiva t. Consideração mais importante ainda é que, se essa sequência constituísse um grupo de dois fonemas, teríamos um grupo excepcional em qualquer posição no vocábulo.

Assim, no vocábulo equivalente a "preto" encontramos os seguintes sons: [tšitšwiye]. Mas t inicial constitui um grupo só com uma consoante labial (veja-se §3.2.1), e dentro do vocábulo somente uma consoante labial, velar, ou glotal (i.e., as consoantes escuras; veja-se §3.2.2) seguem um t. Além disso, não há grupos de três consoantes em que t seja o primeiro membro do grupo (veja-se §3.2.2). Portanto, juntamos os dois sons no fonema /tš/, cuja distribuição nada tem de excepcional, e escrevemos o vocábulo /tšiwíye/ "preto".

Na consideração dos elementos prosódicos encontramos um problema de natureza diversa. A oposição entre a presença e a falta de tonicidade (ou entre intensidade forte e intensidade fraca) em uáiuái não estabelece contraste semântico entre duas palavras quaisquer. Porém, em certos casos a presença da tonicidade não é

condicionada por nenhum fator fonético, sendo, portanto, elemento imprevisível, que tem de ser indicado, como os outros fonemas, na grafia fonêmica. Ao contrário, as oposições entre vogais breves, médias e longas são tôdas condicionadas pela situação fonêmica e não constituem fonemas.

1.2. VARIAÇÃO FONÊMICA DOS MORFEMAS. Depois de analisar os fonemas da língua, estamos em posição de analisar a variação entre fonemas nos vários morfemas.⁵ Muitos morfemas têm diversas variantes condicionadas pela presença dum certo fonema no morfema antecedente ou seguinte.

Assim, o sufixo indicativo de posse, cuja variante mais comum é ri-⁶ (como em oyóri "meu dente"), tem outra variante -ru, que ocorre após qualquer radical com u final, como em omúru, "minha língua". Assim também o radical traduzido "sangue", que, quando isolado, apresenta a variante kamšuku, tem a variante kamšuk- antes de qualquer consoante menos t. Por exemplo, juntando a êsse radical o sufixo -wa (formativo de verbos), temos a forma kamšuk-wá "está sangrando".

Em kamšúkrú "o sangue dêle" ocorrem as duas variantes condicionadas referidas. A ocorrência da variante kamšuk- é condicionada pelo sufixo com r inicial. Mas não há nada no radical kamšuk- que condicione a ocorrência da variante -ru? Porquanto, para descrever a distribuição da variante -ru, seria necessário dizer que essa variante ocorre com todos os radicais que têm u final, e com os radicais seguintes:

<u>kamšuk-</u> "sangue"	<u>wayah-</u> ou <u>waya-</u> "rêmo"
<u>em-</u> "testículos"	<u>keñeh-</u> ou <u>keñe-</u> "corda de rêde"
<u>kam-</u> "caibro"	<u>weñeh-</u> ou <u>wene-</u> "tipóia para bebê"

Exemplos dêstes radicais com o sufixo de posse:

kámru "o caibro dêle"
manaká wayáhru "o rêmo de Manaká"
awayáru "teu rêmo"

Todos os seis radicais acima têm outra variante com u final, assim:

<u>kamšuku</u> "sangue"	<u>wayapu</u> "rêmo"
<u>emu-</u> "testículos"	<u>keñepu</u> "corda de rêde"
<u>kamu-</u> "caibro"	<u>wenepu</u> "tipóia para bebê"

Então dizemos que a forma do radical com u final é a VARIANTE BÁSICA do radical em todos os casos, e que a variante -ru ocorre depois de qualquer radical com u final na sua variante básica.

Assim conseguimos uma descrição simples que não inclui u-

ma lista de radicais.

Esta variação entre -rĩ e -ru é apenas um exemplo dum facto universal em uáiuái, i.e. quando a vogal i vem precedida ou seguida duma sílaba que contém u, sem que haja um grupo consonântico entre as duas vogais, o i é substituído pelo fonema u. Esta assimilação de i a u é um dos PROCESSOS FONOLÓGICOS descritos no §4.

Podemos apresentar os dois fatores que condicionam as variantes dos morfemas da forma kamšúkrũ "seu sangue", como se agissem em etapas assim: (1) kamšuku + rĩ (2) *kamšukurĩ⁸ (3) *kamšukuru (4) kamšúkrũ.

Nessa fórmula, as variantes básicas do radical que significa "sangue" e do sufixo de posse aparecem na primeira etapa; essas estão unidas na segunda; a variante -ru aparece na terceira, condicionada pelo u final do radical; e a variante kamšuk- do radical aparece na quarta, condicionada pelo r do sufixo.

Essas etapas não representam os processos nem a ordem em que a pessoa que fala junta, conscientemente, os morfemas e suas variantes. Ele pronuncia o vocábulo integral. Nem tão pouco representam qualquer ordem histórica no desenvolvimento das variantes dos morfemas. É apenas uma disposição que descreve, numa maneira mais simples, a distribuição das variantes dos morfemas, e assim com todos os processos fonológicos do uáiuái, que se acham descritos no §4.⁹

A vantagem desta simplificação aparece da comparação de ormas como:

wayapú "remo"

wayap ekó "traze o remo"

wayáhrũ "o remo dêle"

owayáru "meu remo"

A primeira forma apresenta a variante básica, wayapu (Veja-se §4). As outras três variantes se tiram desta forma pela acção dos processos fonológicos. A variante wayap- provém de wayapu com a perda da vogal final em elisão antes da vogal inicial do vocábulo seguinte; A variante wayah- apresenta a perda do u da variante básica e a redução de p em h.

Quatro processos fonológicos interagem para dar a forma owayáru. Representamo-los em etapas:

(1) o- + wayapu + -rĩ

(o- "meu"; -rĩ sufixo indicativo de posse).

(2) *owayapurĩ

(com juxtaposição dos morfemas)

(3) *owayapuru

(com assimilação do i final ao u da sílaba anterior)

(4) *owayapru

(com perda de u)

(5) *owayahru

(com redução de p a h)

(6) owayáru "meu remo"

(com perda de h e acentuação)

1.3. TERMINOLOGIA. Procuramos, neste artigo, sempre empregar os termos já consagrados em português, mas achamos necessário traduzir do inglês alguns termos novos, ou quase novos, em português, e limitar ou estender a definição de alguns outros.

Assim, o termo FONEMA aqui não representa qualquer som da fala, e sim a mínima unidade distintiva no sistema de sinais fonéticos que constitui uma língua. Como já vimos, um fonema pode ser composto de vários sons diversos, que são os ALOFONES.

Distinguimos dois tipos de fonemas. Os FONEMAS LINEARES abrangem as consoantes e as vogais. Os FONEMAS PROSÓDICOS incluem a intensidade, a duração dos fonemas e o tom.

MORFEMA aqui significa a mínima unidade léxica ou gramatical, seja um radical ou seja um afixo.

A DISTRIBUIÇÃO do alofone, do fonema, do morfema ou de suas variantes é a totalidade das situações em que qualquer dêstes pode ocorrer.

Certos termos gramaticais, estranhos à terminologia linguística européia, aparecem na explicação dos exemplos citados do uáiuái neste artigo. Por exemplo, há dois temas que formam a base de todo verbo uáiuái. Um dêles representa a idéia verbal como um acontecimento realizado, um fato objectivamente perceptível. O outro representa um acontecimento potencial, uma condição subjectiva, uma interrogação ou um ato ocorrido há tanto tempo que começa a perder sua objectividade. Designámo-los TEMA OBJECTIVO e TEMA SUBJECTIVO, respectivamente.¹⁰

O verbo apresenta distinção de tempos apenas no passado. O tema objectivo, sem sufixo, refere-se àquilo que acaba de acontecer. Nas traduções dos exemplos, o pretérito simples, sem ou tra indicação, representa sempre esta forma.

O tema objectivo com o sufixo -ye ou -y refere-se àquilo que aconteceu há pouco, àquilo que não é mais um fato presente mas que não perdeu sua objectividade nítida. Essa forma é o TEMPO PAS

SADO RECENTE. O tema subjectivo com a adição do sufixo -kñe representa o TEMPO PASSADO DISTANTE.

Entre o presente e o futuro não há divisão igual à do português. O tema subjectivo, sem sufixo, representa o potencial e o futuro incerto. É também a forma usada nas perguntas a respeito do presente ou do futuro. O mesmo tema, com o sufixo -si, representa a ideia verbal em processo de, ou em preparação para, a objectivação; aquilo que está em progresso no presente ou que é certo no futuro. É o TÉRMINO DO SUBJECTIVO.

Exemplos dos temas sem sufixo:

ñepemá "êle pagou"

ñepemé "talvez êle pague" ou "pagará êle"

nahrú "êle fechou"

nahrúya "talvez êle feche" ou "fechará êle"

ñipitá "êle tomou uma espôsa"

ñipiwá "talvez êle tome uma espôsa" ou "tomará êle uma espôsa"

Exemplos do tempo formado do tema objectivo mais sufixo:

ñepemáy "êle pagou (recentemente)"

nahrúye "êle fechou (recentemente)"

ñipitáy "êle tomou uma espôsa (recentemente)"

Exemplos dos tempos formados do tema subjectivo mais sufi

ñepemékñe "êle pagou (há muito tempo)"

ñepemésí "êle está pagando" ou "vai pagar"

nahrúyákñe "êle fechou (há muito tempo)"

nahrúyasí "êle está fechando" ou "vai fechar"

ñipiwákñe "êle tomou uma espôsa (há muito tempo)"

ñipiwásí "êle está tomando" ou "vai tomar uma espôsa"

Os vocábulos negativos são traduzidos em muitos dos exemplos como se fossem verbos. Mas o negativo comum, com -hra, é adjectivo¹¹ e carece dum verbo para completar a frase. A descrição das classes dos vocábulos uáiuái encontra-se na "Morfologia do Substântivo".

Alguns tipos de afixos pronominais são estranhos ao português. Há formas especiais para indicar que a primeira pessoa do plural inclui o ouvinte, o PLURAL INCLUSIVO. Há uma forma especial também para indicar que o sujeito do verbo age sobre uma coisa que pertence a êle, e não a outro. Chama-se o POSSESSIVO REFLEXIVO.

Algumas formas, traduzidas usualmente pelo plural, indicam ação colectiva. Fora da primeira pessoa, não há plural verdadeiro em uáiuái, mas apenas a ação colectiva dum grupo.¹²

2. DESCRIÇÃO DOS FONEMAS

Em uáiuái existem vinte fonemas lineares e um fonema prosódico, sendo os lineares constituídos por catorze consoantes e seis vogais. A junctura entre os vocábulos também vem descrita nos parágrafos abaixo.

2.1. AS CONSOANTES. Os catorze fonemas consonânticos apresentam as seguintes oposições:

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

		oclusiva	nasal	fricativa	semi-vogal
clara	alveolar ou dental	t	n	s r	y
	pre-palatal	ç	ñ	š ř	
escura		k	m	p h	w

Este esquema baseia-se mais na impressão acústica do que na articulação. Por esta razão k aparece na mesma linha com m e p. Contudo, há também uma base articulatória para essas divisões. As consoantes chamadas escuras são tôdas anteriores ou posteriores, de tal maneira que o ressonador principal (a bôca) fica indiviso na articulação, produzindo um efeito acústico escuro, ou abafado, em tôdas elas.

Tôdas as consoantes, porém, que se articulam com a língua em posição alveolar ou alveo-palatal, dividem assim a bôca em dois ressonadores, do que resulta um efeito acústico muito diferente, que podemos chamar claro.¹³

A prova de que esta oposição é funcional na língua uáiuái se acha na organização dos grupos consonânticos e na perda de certas vogais, perda essa que depende dêesses grupos. Em geral, qualquer grupo consonântico pode ocorrer dentro do vocábulo, menos os grupos compostos de consoante clara mais consoante clara. (Veja-se a classificação das seqüências compatíveis no §4.1.1.2). A descrição da queda duma vogal entre as diversas seqüências se torna simples com o emprêgo desta oposição.

Na morfologia, também, o prefixo possessivo da terceira pessoa apresenta uma variante antes de uma consoante clara e outra antes de uma consoante escura.¹⁴ Esta oposição é a mais fundamental que existe entre as consoantes do uáiuái.

Outra oposição ainda divide as consoantes claras em alveolares e palatais. Esta oposição, porém, é inaplicável no caso das semi-vogais, onde o fonema y é o único representante das consoantes claras.

As distinções quanto ao modo de articulação se indicam nas cinco colunas. Há duas colunas de fricativas, distinguindo-se a primeira pela fricção local, e a segunda pela vibração da língua no r e no ř, e pela fricção não localizada no h.

Note-se que o modo de articulação não é sempre exatamente o mesmo em todos os fonemas de uma coluna, mas as pequenas variações que apresentam não constituem diferenças significativas em uáiuái.

Assim o č, na primeira coluna, é oclusiva com explosão africada, em contraste ao t e k. Na quarta coluna, o h é surdo, e o r e ř são sonoros, mas tal desigualdade nada significa nesta língua, porque em uáiuái nenhum par de fonemas se diferencia somente por uma distinção de sonoridade.

Note-se que o p se encontra na coluna de fricativas. Isso, por ser o p sempre fricativa bilabial em uáiuái.

Passamos a descrever as consoantes, uma a uma, na ordem do esquema acima, coluna por coluna.

1) - t é uma oclusiva dental surda, sem aspiração:

tani "aqui" totké "em posse de carne"
marati "jacu" nititmám "parou"

2) - č é uma africada alveo-palatal, surda, sem aspiração:

čakaná "ariramba" čečepé "direito"
opiči "minha espôsa" nučpamyá "torna-se amarelo"

3) - k é uma oclusiva surda, sem aspiração. Apresenta três variantes segundo o ponto de articulação, podendo ser velar anterior [k], velar posterior [k], ou glotal [ʔ]. Esses três alofones são assim distribuídos:

a) O velar anterior ocorre antes das vogais anteriores e antes de y:

(kenwó) /kenwó/¹⁵ "eu te vi"
(kiřpaká) /kiřpaká/ (nome de menino)
(tpetkém) /tpetkém/ "o que tem coxa (ou galho)"
(okyó) /okyó/ (exclamação de surpresa)
(kyakwél) /kyakwél/ "tucano"

b) O velar posterior ocorre antes das outras vogais e consoantes, mas alterna com o alofone glotal antes de certas consoantes (Veja-se na página seguinte):

[kurú] /kurú/ "nosso pão" (plural inclusivo)

[kokmám] /kokmám/ "ficou até tarde"

[katí] /katí/ "gordura"

[mekí] /mekí/ "trouxeste"

[krapá] /krapá/ "arco"

[pakrá] /pakrá/ "caitetú"

[wekpó] /wekpó/ "eu fiz trazer"

[onók tahrém] /onók tahrém/ "a panela de quem?"

c) O alofone glotal alterna livremente com o velar posterior antes de w, quando inicial na frase, e antes de m, n e ñ, quando inicial ou medial na frase:

[?wanamarí] ou [kwanamarí] /kwanamarí/ "pataua"

[?matá] ou [kmata] /kmata/ "fiquei molhado"¹⁶

[asá?] makí ou [asák makí] /asák makí/ "dois só"

[?náhrí] ou [knáhrí] /knáhrí/ "nossa comida" (inclusivo)

[oyá?no] ou [oyákno] /oyákno/ "meu irmão"

[?ñekithíri] ou [kñekithíri] /kñekithíri/ "o que nós (inclusivo) trouxemos"

[mokyá?ñe] ou [mokyákñe] /mokyákñe/ "êle veio" (passado distante)

4) - n apresenta três alofones. O alofone principal é sonoro com articulação alveolar e com ressonância nasal, [n]. O segundo é sonoro com articulação alveolar, mas sem ressonância nasal, [d]. O terceiro consiste na nasalização da vogal precedente, que representamos por til [~] acima da vogal. Esses alofones são assim distribuídos:

a) [d] ocorre após um k, onde varia facultativamente com [n]:

[oyákdo] ou [oyákno] /oyákno/ "meu irmão"

[onók dakwári] ou [onók nakwári] /onók nakwári/ "o porto de quem?" (no rio)

b) [~] ocorre quando o fonema /n/ vem após um i ou e e antes dum š ou s (em variação facultativa com [n] antes de s):

[ẽšápu] /enšápu/ "o que foi visto"

[poří šá] /pořin šá/ "antes, o grande"

[ẽsó] ou [ensó] /ensó/ "(ir) ver"

c) [n] ocorre em tôdas as demais posições:

[nonó] /nonó/ "comeu (carne)"

[nanmó] /narmó/ "ergueu"

[amin] /amin/ "tua casa"

5) - ñ é consoante sonora com articulação alveo-palatal e

com ressonância nasal em tôdas as suas posições:

noñó "irmão mais velho" (apelativo)

neñé "êle viu" (passado recente)

poñkó "queixada" (porco do mato)

yari ñhé "mais afastado"

6) - m é consoante sonora com oclusão bilabial. Apresenta dois alofones, tendo o principal ressonância nasal, [m]. O outro é idêntico ao primeiro mas sem ressonância nasal, [b]. Os alofones são assim distribuídos:

a) [b] ocorre facultativamente após t, č, k, ou š, admitindo-se também [m]:

[tbařían] ou [tmařían] /tmařían/ "a faca dêle mesmo" (passivo reflexivo)

[ot bokyá] ou [ot mokyá] /ot mokyá/ "vem peixe"

[kičičbé] ou [kičičmé] /kičičmé/ "mau"

[kokbamyá] ou [kokmamyá] /kokmamyá/ "vai ficar tarde"

[kbašbitá] ou [kmašmitá] /kmašmitá/ "enchi a barriga"

b) m ocorre em tôdas as demais posições:

mošé "longe" ñeseresmá "alimentou-se"

amaki "corta tu" warma "joguei"

yłtáři "a boca dêle" mlnóm "deixaste"

ewomkó "entra tu"

7) - s é fricativa sibilante, surda, alveolar:

sunawí "espécie de sapo"

mlspéw "fizeste-o chorar"

eseskaporá "não se pode morder"

samé "pedra dura" (usada como dente de ralo)

8) - š é fricativa chiante, surda, alveo-palatal:

šamapé "palido" šlpirí "guariba"

šakawá "caranguejo" wašpú "liga da perna"

ešitáw "quando está"

9) - p é fricativa surda, bilabial em tôdas as suas ocorrências:

paří "batata doce" sarapú "mandioca"

piškó "jacarim" titpé "parado"

kanapá "espelho" tóp arkó "leva tu a pedra"

10) - r é consoante sonora, articulada numa só vibração, na qual a ponta da língua entra em contacto ligeiro com a arcada alveolar. É sonora em tôda a sua duração. Porisso, quando r é precedido ou seguido de outra consoante, ouve-se como que uma vogal muito breve entre as duas consoantes, a qual nada mais é do que a

sonoridade inicial ou final do r no instante em que a língua se aproxima ou se afasta do ponto de articulação.

Essa vogal, extremamente breve, não constitui um fonema; é antes um simples som de transição, que, na maioria dos casos, possui uma qualidade neutra. Assim, [kar^omokó] /karmokó/ "mexe-tu", e [ák^oro] /ákro/ "com".¹⁷

Quando, porém, r vem precedido de h, esse som de transição tem a mesma qualidade que a vogal anteposta ao h. Assim, em [lemeh^orá] /emehrá/ "não provar", o som de transição inicial do r parece um e muito breve, porque a posição assumida pela língua na pronúncia do fonema e continua, através do h, até o início do r.

Quando intervocálico, r não tem esse som de transição.

Assim, há nove alofones do fonema r: [r^o], [r^o], [r¹], [r¹], [r^u], [r^o], [r^o], [r^o], e [r]. A distribuição dos alofones está exemplificada abaixo:

a) O alofone [r] ocorre entre vogais, e quando precedido de w:

[mararí] /mararí/ "roça"
[urutú] /urutú/ "cabaço"
[orokó] /orokó/ "lagarta"
[oyamór ahsikó] /oyamór ahsikó/ "pega tu minha mão"
[ñewrú] /ñewrú/ "nasceu"

b) O alofone com som de transição inicial de qualidade neutra [r^o] ocorre no início da frase, e quando precedido de qualquer consoante, a não ser h ou w:

[r^oratí] /ratí/ "flauta"
[r^oropú] /ropú/ "corda, cabo"
[k^orapá] /krapá/ "arco"
[nam^orú] /namrú/ "enrolou"

c) O alofone com som de transição final [r^o] ocorre quando seguido de qualquer consoante:

[čir^okó] /čirkó/ "põe tu"
[kar^omó] /karmó/ "mexe-o"
[mar^o há] /mar há/ "na sua vez"

d) Os seis alofones com sons de transição iniciais, de qualidade vocálica distinta, ocorrem quando r é precedido de h:

[eših¹rá] /ešihrá/ "não estar"
[arlh¹rá] /arlh¹rá/ "não levar"
[potuh^urá] /potuhrá/ "não apanhar (fruta)"
[keñéh^oru] /keñéhru/ "a corda da rede dêle"

[wah^arú] /wahrú/ "eu tampei"

[tonoh^orá] /tonohrá/ "não comer (carne)"

11) - r̃ é consoante sonora, articulada numa só vibração, com a superfície anterior da língua em contacto ligeiro com o palato anterior. O alofone de maior ocorrência tem um som de transição final, semelhante a um i muito breve, que é representado por [r̃ⁱ].¹⁸ Exemplificaremos apenas a distribuição desse alofone, e daquela que aparece sem o som de transição [r̃]. Os outros alofonos, que têm sons de transição iniciais, ocorrem na mesma distribuição como os alofonos equivalentes do fonema r.

a) [r̃] ocorre antes de i; e antes de e quando átono e final num vocábulo, ou quando tônico exceto no fim duma frase:

[r̃inatí] /r̃inatí/ "capim navalha"

[ahmoří] /ahmoří/ (nome de mulher)

[čomota čhéře] /čomota čhéře/ "por dentro da mata"

[tahřém] /tahřém/ "panela"

[rowó pořéno] /rowó pořéno/ "o (que anda) por terra"

b) [r̃ⁱ] ocorre nos demais casos:

[r̃ákí] /r̃ákí/ "espécie de formiga grande"

[kr̃antú] /kr̃antú/ (nome de homem)

[něřⁱé] /něřⁱé/ "bebeu" (passado recente)

[čor̃ⁱor̃ⁱwá] /čor̃ⁱor̃ⁱwá/ "andorinha"

[war̃ⁱmá] /war̃ⁱmá/ "joguei"

12) - h é uma fricativa surda, uma aspiração sem fricção bem localizada na boca. Na articulação, a língua tem a posição da vogal que a precede ou segue imediatamente. Nos poucos casos em que ocorre entre vogais (sempre entre vocábulos) a língua tem a posição da vogal seguinte. Assim, a posição da língua reproduz o timbre da respectiva vogal, mas sem sonoridade, resultando seis alofonos: [i], [ĩ], [e], [a] e [o]:¹⁹

[wišikí] /wišikí/ "arrastei"

[mihtinopú] /mihtinopú/ "soubeste"

[enhíri] /enhíri/ "o recipiente anterior"

[yuhmé] /yuhmé/ "o ovo dela"

[wehtó] /wehtó/ "fogo"

[həto há] /həto há/ "ele veio" (enfático)

[mĩnthó] /mĩnthó/ "micha ex-casa"

13) - ɨ é uma semi-vogal, com articulação semelhante à da vogal i, mas sem sonoridade. A semi-vogal é sempre assilábica,

como em aykó "assa tu" (com duas sílabas), enquanto a vogal é sempre silábica, como em aitá "vai tu assar" (com três sílabas). Exemplos deste fonema:

oyóri "meu dente"
yukmamkó "despeja tu"
ehyú "ponte"
waywi "flecha"
wahráy "o pequeno"

14) - w é uma semi-vogal com articulação semelhante à da vogal u, mas com menos duração. O w é sempre assilábico, como em éwru "o olho dêle" (com duas sílabas), enquanto u é sempre silábico, como em euhrá "cego" (com três sílabas). Exemplos deste fonema:

kanawá "canoa"
kwahsí "tipiti"
wayway (auto-denominação da tribo)
awomkó "sobe tu"
kuwuwá "estou com preguiça"
mimó yaw "na casa"

2.2. AS VOGAIS. A posição das seis vogais na boca pode ser representada, aproximadamente, como no quadro abaixo:

i	ĩ	u
e		o
a		

Note-se, porém, que a posição das vogais não é fixa num ponto, mas varia livremente dentro duma pequena área. Há contudo, alguns alofones bem perceptíveis, condicionados por diversas situações fonéticas, os quais aparecem, abaixo, na descrição das diversas vogais:

1) - i é vogal anterior, com pouca abertura da boca, não arredondada. Ocorre com articulação um pouco irouxa quando átono no fim do vocábulo:

ketamokráši "fiquei com lasca de pau dedo"
korokáši kmokó "vim lavá-lo"

Ocorre com articulação tensa nas demais posições:

lokikó "amola tu"
wimíu "amarrei"
eišápu "o repreendido"
wirí "eu puz"

2) - i no seu alofone principal, [i], é vogal mediana, com

pouca abertura da bôca, não arredondada. Há três outros alofones em certas posições:

a) Uma articulação anterior (entre [ɹ], alofone principal, e i) ocorre quando precedido ou seguido de y:

yimhokará "não desamarrar"

yirisí "grilo" (apenas o primeiro i é anterior)

tlyotá "vai tu ferver"

tlyawakán "o machado dêle" (possessivo reflexivo)

b) Uma articulação posterior e mais aberta (entre [ɹ] e o), quando seguido de w na mesma sílaba:

kwóé "irei eu"

áy óiw "alô, amigo"

c) Uma articulação mais aberta (entre [ɹ] e a), quando á tono no fim do vocábulo :

wekyási "estou trazendo"

ohtári napikyási "está pisando meu pé"

d) O alofone principal ocorre nas demais situações:

ipí "morro, monte"

mimí "tu deste"

mekí "tu trouxeste"

3) u é vogal posterior, com pouca abertura da bôca, arredondada. Sua articulação é tensa, variando pouco:

urutú "cabaço"

muwuwá "estás tu com preguiça"

wukpési "estou ensopando-o"

mekú "espécie de macaco"

mayuin "o ajudante dêle"

4) e é vogal anterior, com abertura média da bôca, não arredondada. Apresenta dois alofones distintos:

a) O alofone [ɹ], com articulação tensa e bôca mais fechada ocorre quando tônico ou pós-tônico depois de ñ ou ñh. Ocorre também depois de r, s, ç, çh, ou k: 1) quando pós-tônico; 2) quando tônico, exceto no fim duma frase ou antes de w:

[muñí] /muñé/ "lua"

[kiřwañí] /kiřwañé/ "bom"

[oyoyomóří] /oyoyomóřé/ "êle me faz piolhento" (comparar [oyoyomóřéw] /oyoyomóřéw/ "êle me fez piolhento")

[mosó š: má may] /mosó še má may/ "queres tu êste"

[yantaříno] /yantařéno/ "a (fôlha para trançar) pelo lado de dentro" (preparando as fôlhas para cobrir uma casa)

[wewe ší wasí] /wewe šé wasí/ "quero um pau" (comparar [wewe šé]/wewe šé/ "querendo um pau")

[amna čísi amna čési "nós outros vamos" (comparar [titi - čél]/titičé/ "iremos nós" (plural inclusivo)

[čomota čhíři] /čomota čhěře/ "por dentro da mata" (comparar [čo ota čhėw] /čomota čhėw/ "dentro da mata")

[pen kíři] /pen kěne/ "cheio de mato"

b) O alofone [e], com articulação menos tensa e boca mais aberta, ocorre nas demais situações:

werí "eu bebi"

esamá "caminho"

yemé "mamãe" (apelativo)

nekí "êle trouxe"

titičesé "nós todos vamos"

5) - a, no seu alofone principal, é vogal mediana, com máxima abertura da boca, não arredondada. Apresenta apenas dois alofones:

a) O alofone [æ], com articulação anterior (entre [a] e [e]), ocorre quando no meio dum vocábulo e precedido de y. Ocorre também quando seguido de s ou š simples e precedido de uma consoante palatal (y, š, č, ň, ou ř):

[yamatá] /yamatá/ "caixa"

[yamáná] /yamáná/ "está bravo"

[yašán] /yašán/ "novo"

[wiotašésí] /wiotašási/ "estou enfiando entre (duas coisas)"

[nemičésí] /nemičási/ "êle está mergulhando"

[něňšé] /něňšé/ "êles estão vendo"

[tařšé] /tařšé/ "nós todos levamos"

[pahšášá] /pahšášá/ "amanhã"

[mokyésí] /mokyási/ "êle vem"

b) O alofone principal [a] ocorre nas demais situações:

apará "ananás"

šmarí "ralo de mandioca"

měná "vês tu"

6) - o no seu alofone de maior ocorrência [ɔ], é vogal posterior, arredondada, com abertura média da boca e articulação um tanto frouxa. Há dois outros alofones:

a) O alofone [ɒ] com articulação anterior (entre [ɔ], i e a) ocorre depois de č ou čh e antes de m e w:

[čamotá] /čomotá/ "mata"

[korokačhá me] /korokačhó me/ "para lavar"

[nanimčáw] /nanimčów/ "êles ergueram"

b) O alofone [o], com articulação mais tensa, ocorre quando do tônico na penúltima sílaba dum vocábulo e seguido de outra sílaba que contém um o, ocorrendo êste no mesmo alofone [o]:

[kayařitómo] /kayařitómo/ "chefe"

[kím kómo] /kím kómo/ "nosso Pai" (plural inclusivo)

[kamešpóko] /kamešpóko/ "faze com que êle diga"

[ahrunkačóko] /ahrunkačóko/ "abri vós"

[čiriminóso] /čiriminóso/ (nome de homem)

[ahče póko máy] /ahče póko máy/ "o que estás fazendo?"

[etópo] /etópo/ "vaso de beber"

c) O alofone [ɔ] ocorre nas demais situações:

[ɔnoké] /ɔnoké/ "quem?"

[wɔkpésɪ] /wɔkpésɪ/ "estou dando bebida a"

[mimó] /mimó/ "casa"

[řikómó] /řikómó/ "criança"

[mosó po ná] /mosó po ná/ "para cima dêste"

[torowó] /torowó/ "ave"

2.3. ELEMENTOS PROSÓDICOS. Em uáúái, há apenas um fonema prosódico que figura nos vocábulos,²⁰ a intensidade ou acento tônico. Existem algumas variações notáveis na duração das vogais, e tom, as quais são também aqui descritas, embora sejam condições e não constituam fonemas.

2.3.1. INTENSIDADE. Êste elemento, em alguns casos, não é condicionado por outro fonema qualquer. Êsse fato torna-o fonema (veja-se §1.1.) e representamo-lo pelo acento agudo [´] na transcrição fonêmica de toda frase.²¹ Em muitas situações, porém, há fatores que influem na ocorrência do acento tônico. Assim, todo vocábulo de quatro sílabas ou mais, e todo trissílabo que contém grupo consonântico, traz o acento. Os trissílabos sem grupo consonântico, e os dissílabos, trazem o acento, exceto quando a primeira sílaba do vocábulo seguinte é tônica.

Exemplos da influência do número de sílabas no vocábulo:

etařmatoponhó "ex-lugar de se jogar" (nos esportes)

ketařiyási "estou passeando"

kapikará póko "ocupado com a galinha"

okomó kómo "o grupo dos sucurís"

okomó "marimbondo" (comparar okomo kómo "o grupo dos marimbondos")

wewé "pau" (comparar wewe má nay "há um pau?")

O acento tônico cai somente sobre a última ou a penúltima

sílaba dos vocábulos que o recebem, salvo em caso de elisão (veja-se §4.6.). Mas sua posição exata (na última ou na penúltima sílaba) é incondicionada fonologicamente.

Há algumas condições morfológicas. Certos morfemas não recebem o acento tônico na sílaba final, exceto em caso de ênfase, como -topo "instrumento" no vocábulo entópo "coisa com que se vê", e akno "irmão" em awákno "teu irmão". Outros morfemas, ao contrário, recebem o acento somente na sílaba final, como kuyúá "rêde", yaypí "anta", torowó "ave" e -che "depois de".

Outros morfemas, e vocábulos inteiros, recebem o acento, ora na última, ora na penúltima sílaba, conforme o ritmo ou a livre escolha daquele que fala. Comparem-se os seguintes exemplos:

míwraçé "estás chorando?"

míwraçé káy "estás chorando? - disse" (passado recente)

káh yaw šeša ñhema há tí "no céu, mais para cá, dizem"

kapú šeša ñhema "mais para cá do céu"

Nos monossílabos também, a presença ou a ausência do acento pode ser condicionada por fatores fonológicos ou morfológicos, ou, em outros casos, pode depender da escolha de quem fala.

O fator fonológico consiste no seguinte: Um monossílabo não recebe o acento quando imediatamente precedido de uma sílaba tônica, exceto no caso de ênfase e no caso dos monossílabos que são sempre tônicos. Este fator se vê bem na frase natikwá tak há ma tkó wara há "porém, será que já está brotando, aparentemente".

Condição morfológica temos em uns poucos monossílabos que são sempre tônicos. Assim, ñhe "mais",²² men "cuidado!", e ha (ênfase ligeira):

kasko ñhé "faze mais"

aweské mén "êle te morde; cuidado!"

oyetapá há "êle me bateu!"

O acento incondicionado nos monossílabos se exemplifica nas seguintes frases:

oyim ya ká ou oyim yá ka "(ir) a meu pai"

eró po ná ou eró pó na "para cima dêsse"

moşe tí náy ou moşe tí nay "é longe, dizem"

2.3.2. DURAÇÃO DAS VOGAIS. A rapidez da elocução regula, a té certo ponto, a duração das vogais. Há uma tendência também para pronunciar mais rapidamente as primeiras sílabas dos vocábulos longos. Além destas pequenas variações, porém, existem três variantes, a breve, a longa, e a média (que é muito mais comum do que as outras). Essas variantes são tôdas condicionadas fonologicamente,

e porisso não constituem fonemas.

As condições em que aparecem as diversas variantes são descritas abaixo. Nos exemplos, o símbolo [̣]²³ acima da vogal indica que ela é breve. O símbolo [̄] indica vogal longa. As vogais de duração média são indicadas por [̂].

A vogal é longa na primeira sílaba duma frase quando se guida duma sílaba tônica, sem que haja grupo consonântico entre duas vogais:

[mār̂a] /mār̂a/ "levas tu?"

[ȳak̂e m̂ek̂i] /ȳak̂e m̂ek̂i/ "trouxeste muitos"

[m̂im̂o m̂ak̂at̂aw] /m̂im̂o m̂ak̂at̂aw/ "em baixo da casa"

[t̂ot̂i n̂on̂o] /t̂ot̂i n̂on̂o/ "comeu sua carne" (comparar [t̂ot̂i š̂é n̂ay] /t̂ot̂i š̂é n̂ay/ "êle quer sua carne")

A vogal é breve quando pós-tônica no vocábulo:

[ŵahr̂on̂im̂ŷáŝi] /ŵahr̂on̂im̂ŷáŝi/ "estou pulando"

[ô̂k̂an̂aŵári] /ô̂k̂an̂aŵári/ "minha canoa"

[k̂âr̂m̂ô̂š̂áp̂u] /k̂âr̂m̂ô̂š̂áp̂u/ "mingau"

[t̂ûš̂ŵir̂e] /t̂ûš̂ŵir̂e/ (nome de mulher)

A vogal tônica, no fim da frase, é breve num determinado tipo de entoação interrogativa, a qual é aqui indicada pelo símbolo fonêmico [ʔ]. Os exemplos aparecem no §2.4.

Nas demais posições, a vogal é de duração média, como nos exemplos acima.

2.3.3. TOM. Com o tom, temos situação semelhante à da duração, mas um pouco mais complexa. Em geral, o tom é mais elevado na sílaba de maior intensidade. Entretanto, a pessoa que fala pode imprimir entoações diferentes à frase, sobretudo no seu final, em conformidade com diversos tipos de entoação ("intonation patterns" em inglês), emprestando-lhe, assim, efeitos diversos.

Estes diversos níveis de tom, porém, não determinam qualquer oposição semântica nos vocábulos, e concluímos que, embora haja fonemas de tom, êles têm significação somente para as entoações, a análise das quais precisaria de outro artigo.²⁴

2.4. FONEMA DE ENTOAÇÃO. Há um tipo de entoação²⁵ que não consiste apenas no tom. É preciso descrevê-lo aqui, porque condiciona uma variante da duração das vogais (veja-se §2.3.2.).

Este tipo é facultativo em certas frases interrogativas que, terminando por vogal tônica, não contém pronome interrogativo²⁶ (como aĥce "o que?" ou onoke "quem?") ou advérbio interrogativo (como aĥto "onde?"). Consiste êle num travamento glotal no fim da frase, o que torna a vogal final muito breve, embora tônica. O tom é também mais elevado na vogal final.

Este tipo constitui um fonema da entoação, que representamos na grafia fonêmica com o ponto de interrogação logo após a frase. Exemplos:

owí? "eu?"

očoró? "quente?"

kwaihyá? "morrerei eu?"

mikokmám há?²⁶ "ficaste tu até tarde?"

woskará po ná? "para os campos?"

2.5. LIMITE ENTRE OS VOCÁBULOS. Na grafia fonêmica do uái uái, empregamos mais um símbolo, que não corresponde a nenhum som da fala. É o espaço que aparece entre os vocábulos e que não se introduz apenas para a conveniência do leitor, mas que representa uma série de fatos fonológicos.

Assim, quando dois morfemas ocorrem em sequência numa frase, podem unir-se tão intimamente que a junтура não impede a ação dos processos fonológicos entre eles. Nesse caso, escrevemos sempre os dois morfemas sem espaço, como membros de um só vocábulo. Temos o que se chama uma JUNTURA INTERNA.

Quando, porém, a junтура impede essa ação entre morfemas vizinhos, temos a prova de que ela constitui uma divisão entre vocábulos, o que indicamos pelo espaço entre eles. É o que se chama JUNTURA EXTERNA.

Por exemplo, o morfema tí (primeira pessoa do plural inclusivo, sujeito do verbo) junta-se intimamente ao morfema seguinte (que é sempre o radical dum verbo), de tal modo que todos os processos fonológicos têm efeito através da junтура.

Na frase mosó čekí "nós (plural inclusivo) trouxemos este", o vocábulo čekí contém dois morfemas, o radical ekí "trazer", precedido do morfema tí "nós". Este, quando unido ao radical, sofre a ação de dois processos fonológicos em consequência de sua contiguidade com o e do radical. Perde-se o i de tí antes dessa vogal, e palataliza-se t em č.

Porém, o morfema tí que atribui a um terceiro o afirmando não se junta tão intimamente ao morfema seguinte. Assim na frase mosó t ekó "traze este, disse êle", o i do morfema tí perde-se ainda, mas o t não se palataliza, e por isso deixamos o espaço, indicando que t e eko são vocábulos separados por uma junтура externa.

Em todos os casos, a falta de palatalização de t (ou de n ou r) antes de e ou i no morfema seguinte é indício de junтура externa. A palatalização dos mesmos fonemas nas referidas condições indica a probabilidade duma junтура interna, ligando os morfemas

num só vocábulo. Isso porque a palatalização sempre ocorre dentro do vocábulo, e com poucas exceções, não ocorre entre vocábulos.

Há outros indícios de junção externa que, empregados juntos, assinalam o ponto terminal da maioria dos vocábulos.

A junção externa nunca se afasta do acento tônico precedente por mais de uma sílaba. Por exemplo, em kosó wara há "parecido com veado" (ligeira ênfase), se a junção entre kosó "veado" e wara "parecido com" fosse junção interna, o acento na sílaba so seria na sílaba antepenúltima da palavra suposta *kosówara, mas o acento não ocorre na antepenúltima em uáiuái. Essa situação indica uma junção externa entre kosó e wara. Em muitas situações semelhantes, achamos que sempre há junção externa entre um substantivo e a posição que o rege.

A consoante h perde-se antes de outra consoante quando dista da junção externa precedente de mais de duas sílabas. A conservação dum h numa frase que contém três sílabas ou mais antes do h indica, com poucas exceções, uma junção interna.

Por exemplo, o h do radical waih²⁷ "morrer" não se perde quando esse radical vem precedido do morfema amna "nós" (plural exclusivo), como na sequência *amnáwaihjá? "morreremos nós ou outros?". A conservação do h neste caso indica que há uma junção externa entre os morfemas amna e waih, e escreve-se a frase com um espaço: amná waihjá? "morreremos nós outros?"

No mesmo radical waih, o h perde-se quando o radical vem precedido do morfema títí "nós" (plural inclusivo), como na frase títwaihjá?²⁸ "morreremos nós?" (incluindo o ouvinte). A perda do h indica que a junção é interna neste caso, e escreve-se a frase sem espaço, como um vocábulo só: títwaihjá?

3. DISTRIBUIÇÃO DOS FONEMAS ²⁹

3.1. FONEMAS SIMPLES. Todos os fonemas podem ocorrer no início da sílaba, do vocábulo, ou da frase, com a exceção de h. Em tretanto, i inicial ocorre somente em ipi "monte", e u inicial somente em uáa "espécie de macaco" e em urutu "cabaço". h pode iniciar uma sílaba ou um vocábulo apenas nos três morfemas: ha (com sua variante he), que indica ênfase ligeira, hara "de novo", e hãre "quase, um pouco".

Todo fonema pode vir no fim da sílaba ou do vocábulo. Mas só as vogais e as consoantes, m, n, w, e y, podem ocorrer no final da frase.

Todo fonema consonântico pode preceder ou seguir as vogais, com estas exceções: t e n não precedem i ou e no mesmo vocá

bulo; s, r, e h não ocorrem antes de i no interior do vocábulo; e as sequências ñi, ři, řu não se encontram.

3.2. GRUPOS DE FONEMAS. Há grupos consonânticos e grupos vocálicos.

3.2.1. GRUPOS CONSONÂNTICOS NO INTERIOR DA SÍLABA. Há quatro grupos que ocorrem dentro da sílaba, mas que não ocorrem no início da frase. São th, čh, nh, e ñh:

o.na.ma.thó.³⁰ "o que eu cortei"

tu.na .čhew "no meio da chuva"

če.ye.pu.ru.nhí.rí. "o duro, anteriormente"

me.ša .ñbé "mais além de"

Há outros grupos que ocorrem no interior da sílaba apenas no início da frase. Estes mesmos grupos fazem parte de duas sílabas, quando no meio duma frase, exceto nos raros grupos de três consoantes. Os grupos são:

km kp kw kñ kr kr̃ ky

tm tp tw

šm šp šw

Exemplos:

kmačé "ficarei eu molhado" (i.e. kma.čé; comparar sak.mó "sabão")

kpatá "sarça"

kwahsí "tipiti"

knakwárl "nosso porto" (no rio) (plural inclusivo)

kñekithírl "o que nós (plural inclusivo) trouxemos"

krapá "arco"

křamtú (nome de homem)

kyakwé "tucano"

tmatašf "molhado"

tpakarán "a cesta dêle" (possessivo reflexivo)

twotmé "frio".

šmařf "ralo"

špařf "arraia"

šwarašwarapé "com interstícios"

3.2.2. GRUPOS CONSONÂNTICOS INTERSILÁBICOS NO INTERIOR DO

VOCÁBULO. Os grupos de duas consoantes que ocorrem nesta posição são enumerados no quadro abaixo:

	k	m	p	h	w	t	č	n	ñ	s	š	r	ř	y
k		km	kp		kw			kn	kñ			kr	kř	ky
m	mk		mp		mw	mt	mč	mn	mñ	ms	mš	mr	mř	my
p														
h	hk	hm	hp		hw	ht	hč	hn	hñ	hs	hš	hr	hř	hy
w	wk	wm	wp			wt	wč	wn	wñ	ws	wš	wr	wř	wy
t	tk	tm	tp			tw								
č	čk	čm	čp			čw								
n	nk	nm	np		nw	nt	nč			ns	nš			
ñ	ñk	ñm	ñp		ñw	ñt	ñč			ñs	ñš			
s	sk	sm	sp		sw									
š	šk	šm	šp		šw									
r	rk	rm	rp		rw									
ř	řk	řm	řp		řw									
y	yk	ym	yp		yw									

Pelo quadro acima se nota que: a) não ocorrem grupos de duas consoantes claras, exceto os grupos compostos de n ou ñ mais consoante clara surda; b) não ocorrem grupos com p inicial ou h final; c) faltam os grupos compostos de k mais consoante clara surda; d) não ocorrem grupos de consoantes geminadas.

Exemplos desses grupos em posição intersilábica são:

- km nukmé "alagará êle"
- kp akpotópo "coisa com que talhar"
- kw okwé (exclamação de tristeza)
- kn oyákno "meu irmão"
- kñ akñikó "queima tu"
- kr awákro "contigo"
- kř pakřá "caetetu"
- ky mačpokyá "estás tu cortando mato miúdo"
- mk ermomkó "engole tu"
- mp nahrompé "até que êle pule"
- mw komwó "rio Mapuera"
- mt amtapotári "tua linguagem"
- mč ñekatiščów "êles todos contaram"
- mn amná "nós outros"
- mñ awokómne "atrás de ti"
- ms omsotí "meu rabicho"

<u>mš</u>	<u>kamšukú</u>	"sangue"
<u>mr</u>	<u>ekati^{ra}</u>	"não contar"
<u>mř</u>	<u>oyamřinári</u>	"minha virilha"
<u>my</u>	<u>mahromyá</u>	"estás tu pulando"
<u>hk</u>	<u>wahká</u>	"eu quebrei"
<u>hm</u>	<u>ahmoří</u>	(nome de mulher)
<u>hp</u>	<u>ohpočí</u>	"meu cabelo"
<u>hw</u>	<u>yuhwaki</u>	"raspa tu"
<u>ht</u>	<u>ahtó</u>	"onde?"
<u>hč</u>	<u>ahčé</u>	"o que?"
<u>hn</u>	<u>twáhnú</u>	"o sal dêle mesmo"
<u>hñ</u>	<u>áhñe šá</u>	"de onde?"
<u>hs</u>	<u>ahsikó</u>	"pega tu"
<u>hš</u>	<u>tahšá</u>	"tinta preta"
<u>hr</u>	<u>wahrú</u>	"tampei"
<u>hř</u>	<u>tahřém</u>	"panela"
<u>hy</u>	<u>mlkahyá</u>	"estás tu trançando"
<u>wk</u>	<u>ewkúru</u>	"o caldo dêle"
<u>wm</u>	<u>lowmešpóko</u>	"faze-o tirar"
<u>wp</u>	<u>šowpotúru</u>	"cestinha triangular"
<u>wt</u>	<u>towtá</u>	"vai tu tirar"
<u>wč</u>	<u>awčí</u>	"panacú"
<u>wn</u>	<u>oyewnári</u>	"meu nariz"
<u>wñ</u>	<u>čewñé</u>	"um"
<u>ws</u>	<u>ewsipinkakí</u>	"deixa tu de balançá-lo"
<u>wš</u>	<u>pawší</u>	"mutum"
<u>wr</u>	<u>mawří</u>	"algodão"
<u>wř</u>	<u>kewřési</u>	"estou rindo"
<u>wy</u>	<u>áwya</u>	"para ti"
<u>tk</u>	<u>titkó</u>	"castanha do Pará"
<u>tm</u>	<u>kitmó</u>	"espécie pequena de peixe"
<u>tp</u>	<u>kititpé</u>	"grosso (mingau ou bebida)"
<u>tw</u>	<u>watwá</u>	"jacaré"
<u>čk</u>	<u>ačkorokakí</u>	"lava tu"
<u>čm</u>	<u>wahsí čma yohnó</u>	"eu peguei de repente"
<u>čp</u>	<u>kličpón</u>	"nossa tinta vermelha" (plural inclusivo)
<u>čw</u>	<u>tahřemú čwinthó</u>	"fuligem velha da panela"
<u>nk</u>	<u>enkakí</u>	"mete tu dentro"
<u>nm</u>	<u>amirá</u>	"não erguer"
<u>np</u>	<u>enpakakí</u>	"acorda-o tu"
<u>nw</u>	<u>kunwá</u>	"peixe pequeno que pula quando assustado"
<u>nt</u>	<u>ñentá</u>	"ouviu"

<u>nč</u>	<u>menčé</u>	"ouves tu"
<u>ns</u>	<u>ensó</u>	"(ir) ver"
<u>nš</u>	<u>enšápu</u>	"o que foi visto"
<u>ñk</u>	<u>poñko</u>	"queixada" (porco do matc)
<u>ñm</u>	<u>poñmikó</u>	"remata tu a beira" (da rêde)
<u>ñp</u>	<u>kesemañpú</u>	"brinquei"
<u>ñw</u>	<u>mñwñwá</u>	"está com preguiça"
<u>ñt</u>	<u>esemañtó me</u>	"a fim de brincar"
<u>ñé</u>	<u>esemañtokó</u>	"brincai todos"
<u>ñs</u>	<u>esemañsó</u>	"(ir) brincar"
<u>ñš</u>	<u>esemañšápu</u>	"aquele que brincou"
<u>sk</u>	<u>woskará</u>	"campos gerais"
<u>sm</u>	<u>ekposmespóko</u>	"faze-a fiar"
<u>sp</u>	<u>ñekpospé</u>	"até que ela fie"
<u>sw</u>	<u>tapeswé</u>	"liso"
<u>šk</u>	<u>piškó</u>	"jacamin"
<u>šm</u>	<u>kašmí</u>	"peixe elétrico"
<u>šp</u>	<u>wašpú</u>	"liga da perna"
<u>šw</u>	<u>šwarašwarapé</u>	"com intertícios"
<u>rk</u>	<u>merurká</u>	"êle despejou" (substância gramulosa)
<u>rm</u>	<u>karmokó</u>	"maxe-o tu"
<u>rp</u>	<u>awarpapé</u>	"escuro"
<u>rw</u>	<u>anarwá</u>	"manguari"
<u>řk</u>	<u>etarřko</u>	"anda tu"
<u>řm</u>	<u>čakarřmá</u>	"espécie pequena de macaco"
<u>řp</u>	<u>karřpé</u>	"forte"
<u>řw</u>	<u>kiřwanřhé</u>	"bom"
<u>yk</u>	<u>ñeyká</u>	"queimou" (fazendo panela de barro)
<u>ym</u>	<u>aymará</u>	"traíra"
<u>yp</u>	<u>yaypí</u>	"anta"
<u>yw</u>	<u>aywakí</u>	"varre tu"

Quando aos grupos de três consoantes, só conseguimos encontrar os seguintes:

nth nšh

nth nšh nkw

wkw wkr wkp

Todos esses grupos contêm n, m, ou w, seguido de um grupo admitido dentro da sílaba. Exemplos:

nšenthíri "o que tu viste"

enšéhé "depois de ver"

aninšhíri "o que tu deste"

awenšéhé "depois de se levantar"

kceramkwási "estou suando"

wewkreyká "tirei a casca" (dum ferido)

oyewkpoči "minhas pestanas"

ñewkwási "está ficando aguado"

3.2.3. GRUPOS CONSONÂNTICOS QUE SÕ OCORREM ENTRE VOCÁBU -
LOS. São os seguintes: tn ty st sc sn št mn nñ nr ny yt yš yn yã
kh mh bh wh sh šh rh ry řh yh.³¹ Exemplos:

yimít náy "há sal"

yimít yákre "com sal"

tukús tan náy "há um beija-flor aqui"

yiris čiki "grilo pequeno"

asis náy "há pimenta"

paraš tan náy "há pão aqui"

yów tan náy "há buriti aqui"

oyapón ñeki "trouxe meu banco"

oyapón rakatäre "pelo meio do meu banco"

oporin yehčemäne "o curador de meu avô"

wéy tan náy "há resina (para acender fogo) aqui"

pay šé "desejando um prato"

koray náy "há caxiri"

kasaráy ñeki "trouxe remédio"

amok há "vem tu!"

ñermom hára "engoliu de novo"

wah há "comi!"

ñimiw háre "quase amarrrou"

kiwčes hára "eu vou de novo"

tmataš háre "quase podre (ou molhado)"

poñé mar há "piranha também!"

awessár yensó "(ir) ver o teu caminho"

kstar há "eu andei!"

ay há "alô!"

3.2.4. GRUPOS VOCÁLICOS. Encontra-se alguns grupos vocá*li*
ces, mas com as duas vogais sempre separadas por uma divisão en -
tre sílabas. O grupo ai ocorre unicamente no vocábulo krái (som
de roer as unhas). Todos os demais grupos contêm i ou u. Os gru -
pos encontrados em uáiuá são:

ei eu ai au oi ou

iu ui ia ua

Exemplos:

wéi "eu repreendi"

euhrá "sem olhos, cego"

nai "há"

kam "longo, alto"

okoi "cobra"
you "buriti"
wimiu "amarrei"
kuyuf "cujubim"
mañia "faca"
kuyua "rêde"

4. PROCESSOS FONOLÓGICOS

Nesta secção, estudamos a VARIACÃO FONOLÓGICA, i.é., os fatores fonológicos universais em uáiuái, que condicionam o uso de uma ou de outra variante dos diversos morfemas. A VARIACÃO MORFOLÓGICA (i.é., os fatores condicionantes que operam em um ou dois morfemas, mas não em todos êles) seria tratada, numa gramática completa, na descrição dos morfemas em que ocorre.³²

Para cada morfema que apresenta variação fonológica, escolhe-se como VARIANTE BÁSICA aquela da qual tôdas as outras variantes se tiram pela aplicação dos processos fonológicos. Na citação dos morfemas, damos sempre a variante básica. O conjunto das variantes básicas dos morfemas de um vocábulo ou de uma frase dá-nos a FORMA BÁSICA dos mesmos. A ação dos processos fonológicos sobre a forma básica fornece a FORMA FONÊMICA, i.é., a forma do vocábulo ou da frase como realmente se pronuncia.

Os processos fonológicos são: a perda de vogal; a harmonia vocálica; a perda de consoante; a palatalização; a redução de consoante a h e a elisão.

4.1. PERDA DE VOGAL.³³ Dizemos que as VOGAIS são INSTÁVEIS ou ESTÁVEIS segundo se perdem ou não em determinadas posições. Instáveis são i e u. Estáveis são e, a, e o. Quanto a i, é instável quando segue imediatamente š, č, ñ, ou ř, ou qualquer vogal, mas é estável em tôdas as demais situações.

Tôda vogal instável encontrada na forma básica duma frase perde-se, a não ser que a mantenha um dos FATORES DE CONSERVAÇÃO que adiante estudaremos.

Exemplos da perda de vogal instável na ausência de qualquer fator de conservação:

arkó "leva tu" (arí "levar")
kyawakán "nosso machado" (plural inclusivo) (kí-
"nosso"; -ní sufixo de posse)
nakpotpé "até que êle talhe" (ní- "êle"; akpotu "talhar")
kóm yathó "semente de bacaba" (komu "bacaba")
wešpó "eu fi-lo existir" (eší "existir")
memič há "mergulhaste-te!" (emiči "mergulhar-se")

esemañtópo "brinquedo" (esemañi "brincar")
etařkó "anda tu" (etaři "andar")

Nos exemplos acima a perda da vogal se dá entre morfemas, mas as vogais instáveis também se perdem no interior dos morfemas, como nos exemplos seguintes:

nečpomá "pintou-se de vermelho" (čipo "tinta vermelha")

wispomési "estou aplicando resina" (sipo "tipo de resina que torna impermeável a panela de barro")

nirwoná "está fazendo careta" (ruwo "careda")

kiškán "nossa armadilha para peixe" (šika "armadilha para peixe")

otwán "meu coador" (tuwa "coador")

yuhmé "o ovo dela" (pume "ovo")³⁴

Os fatores de conservação vêm descritos nos parágrafos abaixo.

4.1.1. EFEITO DAS CONSOANTES VIZINHAS. A vogal instável perde-se quando precedida e seguida de certas consoantes, na forma básica, mas mantém-se quando precedida e seguida de outras consoantes. Por exemplo, a vogal instável u perde-se entre t e k em akpotké "talha tu" (akpotu "talhar" mais -ko imperativo), mas a mesma vogal mantém-se em akpotuša "o talhado" (-ša é sufixo substantivador).

Duas (ou três) consoantes que permitem a perda duma vogal instável entre elas formam uma SEQUÊNCIA COMPATÍVEL, enquanto duas (ou mais) consoantes que não permitem essa perda entre elas, constituem uma SEQUÊNCIA INCOMPATÍVEL.

Todos os grupos consonânticos que ocorrem no interior do vocábulo são sequências compatíveis nessa posição, mas nem todos eles são compatíveis no início da frase. E ainda, entre os vocábulos, podem ocorrer grupos que não são compatíveis no interior do vocábulo. É necessário, portanto, descrever as sequências compatíveis em três posições: no início da frase; no interior do vocábulo e entre vocábulos.

A vogal instável se mantém quando a sua perda resultaria numa das sequências incompatíveis abaixo descritas.

4.1.1.1. NO INÍCIO DA FRASE. Nesta posição são compatíveis somente aqueles grupos que ocorrem no início da frase (veja-se §3.2.1).

Exemplos da perda das vogais instáveis entre consoantes compatíveis no início da frase:

kmokya "virei eu" (ki- "eu")

twehtóy "em posse do fogo" (ti- formativo de adjetivos)

twókru "a bebida dêle mesmo" (ti- possessivo reflexivo da terceira pessoa)

kmañin "nossa cêra" (ki- "nosso", possessivo inclusivo)

Exemplos da conservação das vogais instáveis entre consoantes incompatíveis na mesma posição:

mimokya "virás tu"

tukuyuyá "em posse duma rêde"³⁵

tišapopón "a linha de pescar dêle mesmo"

kimšikri "nosso filho" (possessivo inclusivo)

Nesse último exemplo, km seria seqüência compatível, mas knš é incompatível, e por isso a vogal se mantém.

4.1.1.2. NO INTERIOR DO VOCÁBULO. Todos os grupos em emera dos nos §§3.2.1 e 3.2.2 são seqüências compatíveis no interior do vocábulo no meio da frase. Além disto, as seguintes seqüências são também compatíveis na mesma posição:

ty čy ny ñy sy šy ry řy

kk kt kč ks kš

pk pm pp pw pt pč pn pñ ps pš pr př py

mm ww

Essas seqüências não ocorrem como grupos na forma fonêmica de qualquer vocábulo, porque y se perde depois de consoante clara, exceto outro y; k e p se reduzem a h em certas combinações; enquanto os grupos mm e ww se simplificam em m e w respectivamente (veja-se §§4.3. e 4.5.) Essas seqüências permitem, porém, a perda de uma vogal instável entre elas, e por isso são tratadas como seqüências compatíveis.

Por exemplo, na forma básica do vocábulo ahkó "come tu" (i.é., *apuke de apu "comer" e -ke imperativo), a vogal instável u, encontrando-se entre p e k, seqüência compatível, perde-se. Mas o p se reduz a h, de modo que o grupo pk não ocorre no vocábulo.

As seqüências compatíveis no interior do vocábulo abrangem os seguintes tipos:³⁶

1) Consoante clara mais consoante escura;

2) Consoante escura mais consoante clara;

3) Consoante escura mais consoante escura;

4) n e ñ mais consoante clara surda;

5) Consoante clara mais y (com exceção de yy)

6) As seqüências de três consoantes em emera no §3.2.2.

Tôdas as demais seqüências são incompatíveis nesta posi -

ção.

Exemplos da perda das vogais instáveis entre consoantes compatíveis nesta posição:

- enkó "olha tu" (eni "olhar")
mekyá "trazes tu" (ekí "trazer")
peremká "tirou os raminhos" (peremi- "raminhos")
esemañšápu "aquêles que brincou" (esemañi- "brincar")
ñemičá "mergulhar-se-á êle" (ñ- está por ní-³⁷ "êle"; emiči "mergulhar-se"; -ya³⁸ sufixo do tema subjectivo)
ñewkwási "está ficando aguado" (ñ- por ní- "êle"; ewku- "líquido"; -wa sufixo formativo de verbos no tema subjectivo; -si sufixo do término do subjectivo)
napihčow "êles todos pisaram" (apih- está por apki "pisar", com perda do i e redução do k a h).

Exemplos da conservação das vogais instáveis entre consoantes incompatíveis nesta posição:

- eniñe "aquêles que vê"
ekičhé "depois de trazer"
emičinohkó "mergulha-o tu"
apikičhé "depois de pisar"

Em alguns casos, uma vogal instável ocorre em duas ou três sílabas sucessivas na palavra, numa situação que permitiria a perda de qualquer uma delas, mas não de duas, pois que isto daria origem a uma sequência incompatível. Nesse caso, mantém-se a primeira das vogais instáveis e a terceira, se houver, enquanto a segunda se perde.

Por exemplo, na forma básica do vocábulo ekatiñšá "aquilo que foi contado" (i.e. *ekatiñšá) ocorrem duas vogais instáveis (i...i) em sílabas sucessivas. A sequência das consoantes (tm com o primeiro i e mš com o segundo) permitiria a perda de qualquer uma delas, mas se se perdessem ambas, teríamos a sequência incompatível tmš. Mantém-se, pois, o primeiro i, enquanto o segundo se perde, dando a forma fonêmica, ekatiñšá.³⁹

Na frase ahronimri ké "porque pulou" (literalmente, "por seu pular"), a forma básica do primeiro vocábulo, ahronimri (i.e. *ahronimri), contém três vogais instáveis em sílabas sucessivas. A primeira e a terceira persistem, eliminando-se a segunda.

Na forma básica do vocábulo keñšhru "a corda da rede dêle" (i.e. *keñšhru)⁴⁰ as últimas duas sílabas contém ambas uma

uma vogal instável. A segunda delas, porém, vem no fim da frase, posição que não permite a perda da vogal (veja-se §4.1.3), de modo que só a primeira se perde.⁴¹

4.1.1.3. ENTRE OS VOCÁBULOS. Todas as sequências enumeradas nos §§3.2.2, 3.2.3, e 4.1.1.2 são compatíveis entre os vocábulos numa frase.

Exemplos da perda de vogais instáveis entre vocábulos:

mapit mičín "raiz de cará" (mapitu "cará")

moyós wará "parecido com uma aranha" (moyosi "aranha")

mañ tan náy "há cêra aqui" (mañi "cêra"; tani "aqui")

saráh yepú "pé de mandioca" (sarapu "mandioca")

Exemplos da persistência de vogais instáveis entre vocábulos:

awotí tan náy "tua carne está aqui"

weči šé "desejando uma esteira"

yaypí wará "parecido com uma anta"

kamahšú yepú "pé de tabaco"

4.1.2. EFEITO DAS VOGAIS VIZINHAS. As vogais i e u,⁴² quando precedidas de outra vogal na forma básica, não se perdem por completo, mas são substituídas pela respectiva semi-vogal, y ou w, quando não há outro fator de conservação.

Por exemplo, em eykó "repreende tu" (ei "repreender") o i, precedido de e na forma básica, reduz-se a y. Mas em eitá "vai tu repreender", teríamos a sequência incompatível yt se o i se reduzisse a y, e por isso o i se mantém.

Comparem-se também as frases seguintes:

mowá "tiras tu" (ou "tirar")⁴³

mas toučhé "depois de tirar";

ñekawnonkési "(a minhoca) está ficando menos longa"

mas kaú "longo";

náy na "há, talvez"

mas naí rma "ainda há"

As vogais i e u se mantêm quando seguidas de outra vogal no interior do morfema:

maíá "faca"

paíá "melancia"

kuyuí "cujubim"

omayuíñ "meu ajudante" (mayuí "ajudante")

4.1.3. EFEITO DA JUNTURA EXTERNA E DO AGENTO TÔNICO. No fim do vocábulo (i.e. quando seguidas numa junção externa) as vogais instáveis se conservam se são tônicas. Essa tonicidade pode

ser devida a certos morfemas que recebem o acento somente na última sílaba, ou a um acento enfático (veja-se §2.3.1):

čikiří keskáne "lacrrou (é) o que nos ferra" (čikiří recebe o acento somente na última sílaba)

asakí makí "só dois (não três)" (com ênfase)

opayunú "meu prato" (pronunciado com ênfase pelo in-
formante para corrigir nossa pronúncia errada)

Em muitas frases, é facultativa a conservação duma vogal instável no fim do vocábulo, desde que não haja outro fator de conservação. Mas em certas frases que constituem um todo estreitamente ligado, a perda duma vogal instável no fim do vocábulo é obrigatória, se não houver fator que impeça a perda.

Exemplos de conservação facultativa:

pay šé ou payu šé "desejando um prato"

awewřér wentá ou awewřéri wentá "ouvi teu riso"

pińipič po ou pińipiči pó "em cima do delgado"

Exemplos de perda obrigatória, na ausência de fator de conservação:

on há "êste!" (chamando atenção; oní "êste")

asák makí "só dois, poucos" (asakí "dois, poucos")

sarah yári "fôlha de mandioca" (sarapu "mandioca")

Também depois de n ou m simples a perda duma vogal instável, final do vocábulo, é obrigatória na ausência de qualquer fator de conservação. Nas mesmas circunstâncias é obrigatória a redução de i ou u a semi-vogal no fim do vocábulo depois de vogal. A perda e a redução referidas são obrigatórias até no fim da frase.

Exemplos:

akrapán wekí "eu trouxe teu arco" (ou akrapaní wekí, com acento enfático, que seria fator de conservação)

ahtó tutúm "onde está a cuia?" (ou ahtó tutumí, enfático)

okóy wapikí "pisei uma cobra" (ou okóí wapikí "enfático")

tahřém "panela" (comparar tahřemú čwinthó "fuligem velha da panela"; mšw seria sequên-
cia incompatível, e o u se mantém)

No fim da frase, as vogais instáveis se mantêm, exceto nas situações descritas no parágrafo acima:

ńečakí "queimou-se"

wačpokú "cortei o mato miúdo"

ñemiñi "mergulhou-se"

ñerewá opanári "meu ouvido dói"

mokyátu "êles todos vêm"

on há tačkorokáši "êste (está) lavado!"

As vogais instáveis se mantêm quando sua perda resultaria numa frase de uma só sílaba. Por exemplo, em kwési "êle está atirando em nós" i se perde no prefixo ki- (primeira pessoa do plural inclusivo, objeto do verbo). Mas em kiwé "êle pode atirar em nós", o i persiste no mesmo prefixo, porque a sua perda daria lugar à frase monossilábica *kwe. Comparem-se também os seguintes exemplos:

timín "a casa dêle mesmo" (ti- "dêle mesmo")

tmañían "a faca dêle mesmo"

naí "há, está"

ahtó nay "onde está?"

taní "aqui"

ešlhrá tan "não está aqui"

4.1.4. EFEITO DA CONSTITUIÇÃO FONÊMICA DO MORFEMA. Quando um morfema contém duas ou três vogais instáveis em sílabas sucessivas, conservam-se as que não são finais no morfema. Por exemplo, no morfema šipiri "guariba" as primeiras duas vogais se mantêm, como na frase šipir kómo "grupo de guaribas".⁴⁴

Quando uma vogal instável se mantêm em consequência da constituição fonêmica do seu morfema, a vogal instável da sílaba imediatamente precedente também se mantêm. Por exemplo, em tumutwé "branco" a primeira vogal do radical mutu "brancura" retém-se, porque seu morfema contém duas vogais instáveis em sílabas sucessivas. A vogal do prefixo tu- (que está por ti- em virtude da harmonia vocálica) também persiste antes do morfema mutu.

Outros exemplos da conservação da vogal nesta posição:

tipipitiri "o casco dêle mesmo" (pipiti "casco")

kuwuwási "estou com preguiça" (wuñu "preguiça")

yukyuan "a rede dêle" (kuyua "rede")

Nos morfemas tipi "cabeça", pimi "pescoço" kiri "macho" e mumu "filho", a vogal instável não se perde no fim do morfema:

atipiri "tua cabeça"

tipimiri "o pescoço dêle mesmo"

kikriyém "nosso semelhante, um homem" (plural inclusivo)

omumuru "meu filho"

4.2. HARMONIA VOCÁLICA. A vogal i se assimila a um u da sílaba que a precede ou segue imediatamente, se não existe um gru

po consonântico entre as duas vogais. Por exemplo, i no prefixo ki- "eu" assimila-se ao u da primeira sílaba do radical wuñwa "estar com preguiça" na forma kuwuñwasí "estou com preguiça".

O mesmo se dá com o sufixo de posse -ri depois do radical msokmu- "joelho" em amsokmúru "teu joelho", mas não na forma yu-mutúmní "o que não é branco" (-ní está por -hní, sufixo negativo), por causa do grupo mn.

Outros exemplos da assimilação de i a u:

tuñuru "a língua dêle mesmo" (ti- "dêle mesmo; -ri sufixo de posse)

mosutú "o cabo dêle" (-tí sufixo de posse)

tutukmamyasé "nós (plural inclusivo) estamos despedindo" (tít-⁴⁵ "nós" plural inclusivo)

Após os radicais substantivos, a vogal i se assimila a um u na forma básica, embora se perca, ou se reduza a semi-vogal, na forma fonêmica. Após os radicais verbais, porém, i não se assimila a um u se êste não aparece na forma fonêmica.

Por exemplo, em wókru "a bebida dêle" (woku "bebida" mais -ri sufixo de posse), o i do sufixo se assimila ao u de woku, embora êsse não apareça na forma fonêmica. Mas em mókrí "a vinda dêle" (moku "vir" mais -ri sufixo de posse), o i do mesmo sufixo não se assimila ao u de moku.

Outros exemplos:

otutúmnú "minha cuia" (tutumú "cuia" mais -ní sufixo de posse)

yuhmé "o ovo dela" (yi- "dela" mais pumé⁴⁶ "ovo" ; comparar nirwoná "êle faz careta" de ní- "êle" mais ruwona "fazer careta")

éwru "o olho dêle" (eu "olho" mais -ri sufixo de posse; comparar tówri "o tirar dêle" de tou "tirar" mais -ri sufixo de posse)

A vogal i se assimila também a um i da sílaba seguinte (mas não da precedente), se não há um grupo consonântico entre as duas vogais,⁴⁷ e se o i se mantém na forma fonêmica.

Por exemplo, o i do prefixo ki- ("nosso" possessivo inclusivo) assimila-se ao i da primeira sílaba do radical kiwi "anzol" na forma kikiwín "nosso anzol" (incluindo o ouvinte). Mas o i do mesmo prefixo não se assimila ao i do radical máiki- "filho" na forma kimáikri "nosso filho" (incluindo o ouvinte), por causa do

grupo mš, nem ao i do radical čipo "tinta vermelha", porque êste se perde na forma kičpón "nossa tinta vermelha" (incluindo o ou - vinte).

Outros exemplos da assimilação de i a i:

wimiyé "amarrei" (tempo passado recente; wi- "eu" sujeito mais mi- "amarrar" mais -ye passado recente)

čipičf "a espôsa dêle mesmo" (či-, que está por ti-⁴⁸ "dêle mesmo", mais pi- "espôsa" mais -či sufixo de posse)

čičičkaya "pegaremos nós (incluindo o ouvinte) com anzol automático"⁴⁹ (čič-, que está por titi-,⁵⁰ "nós" plural inclusivo mais ička "pegar com anzol automático" mais -ya sufixo do tema subjectivo)

4.3. PERDA DE CONSOANTE. Com poucas exceções, h se perde antes de outra consoante, quando vem precedido, no interior do vo cábulo, de três sílabas ou mais, ou de duas sílabas que tenham gru po consonântico entre suas vogais.

Por exemplo, h não se perde no radical da forma kwayáhru "nosso remo" (plural inclusivo), porque vem precedido apenas de duas sílabas, sem grupo consonântico entre as suas vogais (o grupo inicial não influi). Mas no mesmo radical se perde o h em owayáru "meu remo", porque vem precedido de três sílabas no mesmo vo cábulo.

O h do sufixo negativo -hra persiste em akahrá "não ca - var (canôa)", mas perde-se em ahkará "não quebrar" (ahka "quebrar" mais -hra) porque neste caso vem precedido de duas sílabas com um grupo consonântico entre as suas vogais.

Comparem-se também os seguintes exemplos:

mík yamahní me "para não cortá-lo"

awamán me⁵¹ "para não te cortar"

apihsó "(ir) pisar"

etapisó "(ir) se pisar"

ahručokó "fechai"

esewyaručóko "fechai vossos olhos"

amehkó "ajunta tu" (ameh- está por ameki "ajun - tar"⁵²)

ačpokó "corta tu o mato miúdo" (ačpo- está por ač - poh-, o qual está por ačpoku "cortar o mato miúdo" com perda do y e redu-

ção do k a h)

A lista seguinte inclui todos os casos comprovados⁵³ em que h se perde nas condições descritas acima:

wonwonihno "o veludoso"

kwačakwačahnó "o multicolor"

yimičinohkó "faze-o mergulhar"

yiramanlhkó "faze-o voltar"

yumuturuhkó "vira-o tu com o fundo para cima"

kapowaihnokésí "está fazendo nossos braços (plural inclusivo) morrer (de cansaço)"

ewřemehtópo "uma graça" (aquilo que faz rir)

epanaruhrá ou epanarurá "não fechar os ouvidos"

y se perde depois de s, š, č, ň, ou ř no interior do vocábulo:⁵⁴

wekposé "eu fiei" (wí- "eu" mais ekposí "fiar" mais -ye sufixo de tempo passado recente)

wašásí "estou embutindo" (wí- "eu" mais aši "embutir" mais -ya sufixo do tema subjectivo, mais -sí sufixo do término do subjectivo)

nakpoča "está êle talhando" (akpoč- está por akpotu "talhar")⁵⁵

meňé "viste tu" (passado recente) (eň- está por eňí "ver")

mařá "estás tu levando" (ař- está por aří "levar")

Os grupos geminados, mm e ww, reduzem-se a m e w, respectivamente:

tinomešpoko "faze-o deixar" (tīnomī "deixar" mais -mešpo causativo, mais -ko imperativo)

ňerewá "doi" (ň-, por ňí-, sujeito mais erewí- "dor" mais -wa formativo de verbos)

4.4. PALATALIZAÇÃO. As consoantes t e n se palatalizam em č e ň antes de i, e, ou y, no interior do vocábulo. r se palataliza em ř antes de y. A palatalização se dá muitas vezes em consequência da perda de uma vogal instável.⁵⁶

Por exemplo, em ňerí "êle bebeu" o prefixo ňí- "êle" perde o i, do que resulta ficar o n próximo ao e, palatalizando-se em ň. Em nakpoča "está êle talhando" o radical akpotu sofre a perda do u antes do sufixo -ya (tema subjectivo), ficando o t próximo ao y e palatalizando-se em č. Mas o y se perde depois do č, dando o-

rigem à forma fonêmica nakpočá.

Outros exemplos de palatalização:

meňé "viste tu" (passado recente) (o radical enĭ apresenta a perda da vogal e a palatalização do n antes do sufixo temporal -ye, o qual perde o y depois de ň)

mařá "estás tu levando" (com a perda da vogal e a palatalização do r do radical arĭ antes do y do sufixo subjectivo -ya, o qual perde o y depois do ř)

čipičĭ "a espôsa dêle mesmo" (čĭ- está por tĭ-, prefixo possessivo, cuja vogal i se substitui por ĭ em harmonia com o i do radical pi-, palatalizando-se o t antes dêsse ĭ)

četahkášĭ "quebrado" (č- está por tĭ-, formativo de adjectivos)

oňičkathó "o que eu peguei com anzol automático" (ň- está por nĭ-, formativo de substantivos)

čepořašé "nós (plural inclusivo) estamos procurando" (č- está por tĭ- "nós", plural inclusivo)

kiwčé "irei eu" (no radical ĭwtq, o se substitui por e para assinalar o tema subjectivo, e t se palataliza em č antes dêsse e)

4.5. REDUÇÃO DE CONSOANTES A h. k se reduz a h antes de t, č, k, s, ou š no interior do vocábulo, e antes de outro k entre vocábulos da mesma frase. Esta redução se dá sempre em consequência da perda duma vogal instável. Por exemplo, em aňihtá "vai tu chamar" o radical aňikĭ sofre a perda do i do que resulta ficar o k próximo ao t e reduzir-se a h.

Outros exemplos da redução de k a h:

četóhso "(pão) comestível" (toh- está por toku "comer pão")

amohčokó "vinde" (moh- está por moku "vir")

apĭhkó "pisa tu" (apĭh- está por apĭkĭ "pisar")

aňĭhso "(ir) chamar" (aňĭh- está por aňĭkĭ "chamar")

amehšapu "o ajuntado" (ameh- está por amekĭ "ajuntar")

p se reduz a h antes de qualquer consoante no interior da frase:

ahkó "come tu" (apu "comer")

yuhmé "o ovo dela" (pume "ovo")
kahpé "até que êle trance" (kapu "trançar")
pah há "espalhou!" (papu "espalhar")
tóh wará "parecido com uma pedra" (topu "pedra")
kahtá "vai tu trançar" (kapu "trançar")
waihčów "morreram" (waipu "morrer")
saráh čiki "mandioca pequena" (sarapu "mandioca")
wayáh něki "trouxe um remo" (wayapu "remo")
ahsó "(ir) comer" (apu "comer")
pahšapu "o espalhado" (papu "espalhar")
káh ratáre "pelo meio do céu" (kapu "céu")
wah yári "fólha de assaí" (wapu "assaí")

4.6. ELISÃO. Quando um vocábulo que termina em vogal precede outro vocábulo que começa por vogal, aquêlê perde, frequentemente, a vogal final. Essa elisão, na maioria das frases, é facultativa, dependendo usualmente da rapidez da elocução. Mas em certas frases cujos vocábulos estão estreitamente ligados, a elisão é obrigatória.

Quando a vogal elidida trazia o acento tônico, êste passa à vogal inicial do vocábulo seguinte, se ela não está seguida duma sílaba tônica. No último caso, o acento recua para a vogal que precede imediatamente a vogal elidida. Se, porém, ela está num vocábulo reduzido a um monossílabo, o acento se perde.

Por exemplo, na frase šapopó amehkó ou šapop ámehkó "apanha tu a linha de pescar", o acento, na forma elidida, passa à vogal inicial do vocábulo seguinte, porque ela não é seguida duma sílaba tônica. Na frase awókru eničhé "depois de ver tua bebida", o acento não cai sobre a vogal final de awókru, e porisso, não há transferência do acento quando ela se elide: awókr eničhé.

Na frase kapikará ekó ou kapikár ekó "traze a galinha" o acento não passa para a primeira vogal de ekó, por ser ela seguida duma sílaba tônica, mas recua para a última vogal do vocábulo reduzido. Porém, na frase wehtó ekó ou weht ekó "traze fogo", o primeiro vocábulo se reduz a um monossílabo, e o acento se perde.

Outros exemplos de elisão facultativa:

tuná očoró ou tun očoró "água quente"
yukuyámra amočokó ou yukuyámra amočokó "vinde sem rédes"
kamona ká etakřikó ou kamona k etakřikó "deita-te fora do sol"
wewé ehtá ou wew ehtá "vai buscar um pau"
kayařitómo mé oyéši šé wasí ou kayařitómo m oyéši

- 44 -

é wasí "eu quero ser chefe"

Exemplos de elisão obrigatória:

eskár eskó "não mordas" (eskará "não morder")

áwy anintópo "tua coisa com que erguer (áwyá "para ti" indica simples posse nesta construção)

tohá nas amná "nós outros não vamos" (nas está por nasí, forma do verbo "ser", complemento de tohá "não ir")

oooooooo

ooooo

ooo

o

FACULDADE DE FILOSOFIA QUÊ WÁW E CERAS

NOTAS

1) - Uma pequena lista de vocábulos e frases do uáiuái vem em Farabee: The Central Caribs, e alguns vocábulos em Roth: Additional Studies of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians.

2) - Os uáiuái chamavam meu irmão pelo seu apelido em inglês, "Bob", adaptando-o à sua língua com os sons de kban ou kmam. Eu nunca ouvi um uáiuái conseguir pronunciar um b a não ser precedido de outra consoante.

3) - Para distinguir nitidamente entre a grafia fonêmica, em que aparecem somente os fonemas (não os alofones), e a grafia fonética, em que os alofones figuram, escrevemos aquela entre linhas diagonais e esta entre colchetes. Usualmente, na transcrição fonética das frases aparecem apenas os alofones do fonema em consideração, a fim de não embarçar a explicação com alofones de outros fonemas.

Quando a transcrição fonêmica duma frase aparece sem a transcrição fonética, dispensam-se as linhas inclinadas. A citação de qualquer fonema ou forma uáiuái sem colchetes ou nota explicativa estará sempre, daqui em diante, na grafia fonêmica.

4) - Um ouvido treinado em outros sistemas fonêmicos diferentes dos do inglês e do português, notaria talvez outros alofones, mas uma técnica rigorosamente fonêmica deveria conduzir dois ouvintes quaisquer, que tenham ouvido normal e um certo mínimo de treinamento fonético, a duas análises praticamente iguais, quanto aos traços principais da estrutura fonêmica duma língua.

5) - O termo "morfema" neste artigo inclui radicais e afixos. Veja-se §1.3.

6) - Quando, neste artigo, uma forma está precedida do hífen, êste indica que ela vem sempre ligada a um morfema precedente. Da mesma maneira, quando o hífen segue uma forma, indica que esta vem sempre ligada a um morfema subsequente.

7) - Esta variante não é condicionada pelo u da sílaba šu no radical, porque o efeito dum u não se exerce através de um grupo consonântico. Compare-se atmonúkrí "o belisco dêle", onde o su fixo de posse conserva a variante -rí em virtude da interposição do grupo kr entre o u e o l.

8) - O asterisco indica um conjunto de morfemas variantes que não se encontra, na forma exata, em qualquer frase do uáiuái, mas que, com a operação dos processos fonológicos, resultará numa frase que ocorre em uáiuái.

9) - O termo, morfofonêmica, é usado na escola norte-americana para designar a análise das variantes dos morfemas e dos fatores que condicionam essa variação.

10) - Na língua hopi, o verbo apresenta duas grandes divisões semelhantes. Benjamin Lee Whorf, no seu artigo "An Indian Model of the Universe" em International Journal of American Linguistics 16.67-72 (1950), dá-lhes os nomes de "manifested" e "manifesting" (ou "unmanifest"), ou de "objective" e "subjective".

11) - Na classificação formal dos vocábulos do uáiuái, não se distingue o adjetivo e o advérbio, que juntamente formam a classe dos adjuntos.

12) - O colectivo não se emprega, usualmente, quando se fala de objetos inanimados. Falando de pessoas e de animais, a pluralidade pode ser expressa da mesma maneira que o singular, ou pelo colectivo. Mas quando a palavra ahnóro "todos" aparece na frase, o colectivo é obrigatório, porque se trata dum grupo cujos membros agem juntos.

13) - Roman Jakobson foi o primeiro a descrever esta oposição entre consoantes escuras e claras em seu artigo "Observations on the Phonemic Classification of Consonants" nos Proceedings of the Third International Congress of Phonetic Sciences, Ghent, 18-22 de julho de 1938. Tive em mãos apenas uma cópia mimeografada do Summer Institute of Linguistics. Mattosso Camara faz referência a esta distinção no Boletim de Filologia 9.21 (1949).

14) - Veja-se "A Morfologia do Substântivo", §6.1.

15) - Os exemplos aparecem na grafia fonética, e depois na fonêmica, para melhor comparar os alofones e os fonemas.

16) - Desde que /m/ tem o alofone facultativo [b] nesta posição, há ainda as duas possibilidades, [ʔbatá] e [kbatá], e assim em qualquer grupo de k mais m ou n.

17) - Empregamos o símbolo [a] para representar a vogal neutra ou indistinta, central na bôca. A elevação desta ou de outra vogal indica que ela é um mero som de transição.

18) - Êste som de transição [ɨ] é mais breve do que y. De mais, se fosse um y seria o único caso dum grupo de consoante clara mais y no interior do vocábulo, ou dum grupo de três conso-

antes no início da frase (como em [krⁱamtú] abaixo), ou dum grupo de três consoantes cujo primeiro membro é ř (como em [čorⁱorⁱwá] e em [warⁱmá] abaixo).

19) - A maiúscula representa a vogal surda.

20) - Os fonemas da entoação têm significação para a frase, e não para o vocábulo.

21) - Este símbolo não aparece nas citações dos morfemas i solados, porque a presença ou a ausência da tonicidade num morfema dado depende da sua posição no vocábulo inteiro ou na frase.

22) - Este morfema tem a variante ňhema, que recebe o acento somente na primeira sílaba, exceto em caso de ênfase.

23) - A brevidade não é alofone, porque não é variante de nenhum fonema. Mas esta variação aumenta o número de alofones das vogais. Por exemplo, podemos dizer agora que o fonema /.u/ tem três alofones, o breve [ǔ], o longo [ū], e o médio [ũ].

24) - Todavia, a entoação contribui muito para a inteligibilidade do discurso, e a sua análise ajudaria para uma compreensão completa da estrutura fonêmica da língua.

25) - Na entoação incluímos todos os elementos prosódicos, e não somente o tom, porque todos eles contribuem para exprimir os sentimentos e as emoções daquele que fala.

26) - A partícula ha pode imprimir uma ligeira ênfase à frase, ou pode ser mero veículo da entoação. No caso citado aqui, a entoação com o fonema /ʔ/ seria impossível numa frase com /m/ final, mas o acréscimo do ha torna possível o emprêgo dessa entoação.

27) - A variante básica dêste morfema é waipu.

28) - Perde-se o i final de titⁱ. Veja-se §4.1.

29) - Nesta secção, tratamos apenas dos fonemas lineares. A distribuição do fonema de intensidade aparece no §2.3.1.

30) - O ponto nestes exemplos representa o limite entre as sílabas, mas não simboliza nenhum fonema. Na transcrição fonêmica destas frases, omite-se os pontos.

31) - É provável que se encontrem alguns outros grupos nesta posição. Não há consoante final na forma básica de qualquer morfema, de modo que os grupos consonânticos entre vocábulos são sempre uma consequência da perda de uma vogal. Desde que a conservação duma vogal instável, no fim de um vocábulo, é facultativa em

mitas frases (veja-se §4.1.3), seria preciso grande número de da dos para constituir uma lista completa dos grupos que podem ocorrer nesta posição.

32) - No artigo " A Morfologia do Substantivo na Língua Uáiúái", a variação morfológica de alguns radicais substantivos é descrita no §5.3; a dos afixos formativos de substantivos aparece no §4; e a dos afixos da flexão de substantivos aparece no §6.

33) - Compare-se o artigo de minha autoria, "Patterns of Vowel Loss in Macushi (Carib)", International Journal of American Linguistics, XVI, 87-90 (1950). A perda da vogal é processo fonológico muito notável também em macuxí, mas, naquela língua, tôdas as vogais estão sujeitas a perder-se, e a perda se dá somente nas sílabas ímpares no vocábulo, quando não há nenhum fator de conservação.

34) - Veja-se §4.5 para a explicação da redução de p a h.

35) - O i do prefixo ti- se assimila ao u da sílaba seguinte. Veja-se §4.2.

36) - Esta classificação inclui grupos cujo segundo membro é h. Tais grupos não ocorrem nesta posição por causa da distribuição limitada do fonema h (veja-se §3.1), e por isso, estritamente falando, não são seqüências compatíveis nem incompatíveis.

37) - A palatalização do n está explicada no §4.4.

38) - Veja-se §4.3 para a explicação da perda do y.

39) - A ação dos processos fonológicos sobre a forma básica fornece a forma fonêmica, mas sem indicar a posição do acento.

40) - A redução do p a h é discutida no §4.5.

41) - A vogal instável que faz parte duma série se mantém também no fim dum vocábulo no interior da frase, exceto depois de n ou m simples.

42) - A vogal i não ocorre nesta posição, exceto no morfema kraí (som de roer as unhas).

43) - O radical ou tem a variante morfológico, tou.

44) - A forma mítí consiste de dois morfemas, mí- "base", "tôco" (também "sal") e tí- sufixo de posse, mas a sua primeira vogal se mantém como se fosse um só morfema, assim yimítí "o tôco dêle".

45) - A variante básica, títí-, perde a vogal final antes do u inicial do radical.

46) - p se reduz a h; §4.5.

47) - O grupo hš no morfema -hšiki "arrastar" não impede a assimilação de um i precedente, como em wihšiki "eu arrastei" (wi- "eu" mais -hšiki).

48) - t se palataliza em č; §4.4.

49) - Anzol armado pelos uáiuái de tal maneira que a força do peixe pegar o anzol desprende a vara flexível, que serve para a canço, e êste tira o peixe fora d'água.

50) - Perde-se a vogal final, e palatalizam-se os dois t em č.

51) - -n é variante do morfema negativo -hni. Em consequência da perda do h, elimina-se o i após o n simples.

52) - Nos dois radicais ameki e ačpoku (abaixo), perde-se a vogal final antes do sufixo imperativo -ko. Em ambos os casos, o k do radical, agora próximo ao k do sufixo, reduz-se a h (veja-se §4.5), mas no segundo radical o h se perde, em virtude do grupo čp.

53) - Isto é, os casos em que o informante dava a forma com h ao repetir o vocábulo.

54) - Em alguns casos, esta perda se dá entre vocábulos, como em oros ári "fôlha de cajú" (comparar sarah yári "fôlha de mandioca").

55) - Veja-se §4.4 para a explicação completa desta forma e das duas seguintes.

56) - Em alguns poucos casos, a palatalização ocorre entre vocábulos, como em yimlč ákro ou yimlč yákre "com sal".

oooooooo

ooooo

ooo

o

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE ETNOGRAFIA
E LÍNGUA TUPI-GUARANI

- Nº 1 — Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani. — Plínio Ayrosa — 1939.
- Nº 2 — Poemas brasílicos do Pe. Cristovão Valente, S.J. (Notas e tradução) — Plínio Ayrosa — 1941.
- Nº 3 — Contribuição para o estudo do Teatro Tupi de Anchieta — M. de L. de Paula Martins — 1941.
- Nº 4 — Apontamentos para a Bibliografia da Língua tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1943.
- Nº 5 — Designativos de parentesco e Notas sobre a ocorrência da partícula tyb, do tupi-guarani — Carlos Drumond — 1944.
- Nº 6 — Poesias tupis (século XVI) — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- Nº 7 — Nota sobre relações verificadas entre o Dicionário Brasileiro e o Vocabulário na Língua Brasílica — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- Nº 8 — Considerações sobre a moral religiosa, etc. dos pretos da África ocidental portuguesa, por Antonio Gil — Reedição de J. Philipson — 1945.
- Nº 9 — Nota sobre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani — J. Philipson — 1946.
- Nº10 — Notas sobre os trocanos — Carlos Drumond — 1946.
- Nº11 — "O parentesco tupi-guarani" — J. Philipson — 1946.
- Nº12 — Da partícula hab.a do tupi-guarani — Carlos Drumond — 1946.
- Nº13 — Alguns Apontamentos de Arqueologia e Pré-história — José Anthero Pereira Junior — 1948.
- Nº14 — Notas sobre algumas traduções do Padre Nosso em tupi-guarani — Carlos Drumond — 1948.
- Nº15 — Breves apontamentos de arqueologia comparada — José Anthero Pereira Junior — 1949.
- Nº16 — Les Langues de La Famille Tupi-guarani — Cestmir Loukotka — 1950.
- Nº17 — Orações e Dialogos da Doutrina Cristã na Língua Brasílica — Mss. do Séc. XVIII, transcritos e anotados por Plínio Ayrosa — 1950.
- Nº18 — Nota sobre cerâmica brasílica — Carlos Drumond — 1950.
- Nº19. — Nomes dos membros do corpo, etc. na língua brasílica — Mss. do Séc XVIII — Plínio Ayrosa — 1950.
- Nº20 — Tabua dos Graus de parentesco em guarani — Tex. de Japuguai, anotado por Carlos Drumond — 1951.
- Nº21 — Vocabulário português brasílico. Mss. do Séc. XVIII — Plínio Ayrosa — 1951.
- Nº22 — Caderno da Doutrina pella Lingoa dos Manaos, Mss. do Séc. XVIII — M. de Lourdes Joyce — 1951.
- Nº23 — Vocabulário na Língua Brasílica — Mss. de Lisboa — Carlos Drumond — 1951.
- Nº24 — Catecismos Vários — Mss. do Museu Britânico — 1ª vol. Prefácio de Plínio Ayrosa — 1952.